O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 13 DE JULHO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:484

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—O governo julgado.—O saldo... negativo.—Escola Medico-Cirurgica do Porto.—Sobre instrucção.—Explicações.—A suppressão dos concelhos. — A contribuição industrial. — Apenas justo.—Carta de Lisboa.—Discurso do sr. Bispo Conde.—Folhetim: Magdalena.—Pelo estrangeiro.—Secção agricola. — Secção litteraria.—Noticiario.—Carta de Coimbra.

AVEIRO

O governo julgado

Está surtindo os seus naturaes effeitos, o celebrado e funambulesco relatorio da fazenda.

O *Economiste Européen* consagra-lhe já algumas linhas de exacta apreciação, affirmando, entre outras muitas amabilidades para o sr. Hintze Ribeiro, que elle *carece de discussão*.

A importante folha financeira começa a desfiar aquelle longo rosario de falsidades, e dentro em pouco a impressão causada no estrangeiro pelos errados calculos do sr. presidente do conselho e ministro da fazenda, sorá muito peor do que a produzida no paiz.

Por aqui, aquillo não passou de uma affirmação gratuita, que os proprios n.^os^ se encarregaram logo de desmentir. Pelo estrangeiro, o caso foi peior, immensamente peior, porque se evidenciou o proposito do logro em que o governo procurou enredar os nescios. Para o mundo financeiro aquillo está julgado. Teve as honras que merecia.

Esperem agora pelas apreciações que, além das do *Economiste*, virão não tarda nada.

E os homens assim considerados no paiz e fóra d'elle, continuam ainda á frente dos negocios da nação! E' até onde póde chegar a mais completa obsecação do espirito humano! O que valerá é que a sizania levantada entre os ministros ha-de acabar por desligal-os a todos, precipitando-os bem no fundo do abysmo de que não voltarão a erguer-se mais.

A bandeira de guerra foi erguida pelo da marinha, o irascivel successor do sr. Neves Ferreira, que, como o santo portuguez, tanto prégou aos peixinhos da Arcada contra os seus actuaes collegas!

Nem o *Universal* se atreve já a negar que entre elle e a trindade Franco, Valbom & C.ª, existem fundas dissidencias, porque o forçam a uma passividade vergonhosa, e assim elle affirmou já que é bem provavel desembarcar de bordo da arruinada galera da governação, que vae sem rumo no proceloso mar cerrado em que se debate, mas que o não fará sósinho, porque, a submergir-se o barco, ha-de ir com elle toda a carga avariada.

Por seu turno, a imprensa ministerial começa a cahir a tundo sobre o infeliz ministro, e entre outras amabilidades de egual theor, o *Reporter* atira-lhe por esta fórma:

> Por emquanto, terá elle que ficar, mal comparado, n'aquelle mesmo estado ou situação que o proloquio popular attribue á pescada,—em que peze á impetuosidade da iniciativa do illustre sr. ministro da marinha.

Outros jornaes do governo lhe dão tambem sem piedade.

Veremos, pois, o que sáe de tudo isto, e até lá não será tarde.

O saldo.... negativo

Uma folha da capital, que prima pela lealdade de informações, diz-nos que é tão palavroso o relatorio de fazenda, elaborado pelo sr. Hintze com a approvação dos seus collegas, que se expande por umas boas 18 paginas no *Diario do Governo!*

Estafado prelo! como elle gemeu para nos impingir mais uma burla tão estupenda!

De envolta n'essa torrente caudalosa de palavrorio, rolam uns algarismos, que se entrechocam, pelos quaes se inculca que já estamos na abundancia que se approxima da prosperidade, quando o contribuinte, cada vez mais espoliado, se vê na miseria, que está perto da exasperação.

Affirma essa falsificada arithemetica ministerial, que no anno economico anterior não houve *deficit*, e que, nos nove mezes do anno economico corrente, se apura um saldo de 1:427 contos. Esses contos, porém, são historias, e a mentira é que se apura por uma simples diminuição entre duas parcellas: eu me explico:

A divida fluctuante era em 30 de junho de 1893, de 18:944 contos; em 30 de junho de 1894, de 22:154 contos; em 31 de maio de 1895, de contos 27:489. Que saldo, pois, é esse de 1:427 contos, se o governo recorreu á divida fluctuante por quantia superior a 5 *mil contos*, havendo ainda por liquidar varias contas, juros, subvenções, fornecimentos, etc?!...

Os contribuintes não podem ignorar que, pela chamada lei de *salvação publica*, se lhes tirou a camisa, e que de então para cá se lhes tem arrancado a pelle, directamente pelo accrescimo de contribuições, e indirectamente pelos monopolios e outros arranjos. Sabem mais, que, ainda assim, se tem recorrido ao credito: como é, pois, que os srs. dictadores, com tantos titulos de incapacidade governativa, tentam persuadir que têm administrado com sciencia, zelo, e economia?!!...

O que tambem se apura de tal orçamento é a requintada inepcia dos seus elaboradores. Pois, se houveram saldos em 1893-94, 1894-95, para que é que o governo, *sem necessidade*, pediu d'emprestimo 9 mil contos n'esses dois annos, encarregando o thesouro com mais esse capital e juros?!

Em conclusão—o augmento da divida fluctuante evidenciou a *endromina*. O *deficit*, apezar da enormidade de tributos e impostos, continua a existir, sendo já visivel na importancia de mais de 5 mil contos. Leva elle um pretexto para mais sacrificios nos exigirem, e pelo processo que bem quizerem.

Mas, sejamos fieis á invocação do muito digno presidente do congresso catholico—Gloria a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens. Nós não a alteravamos: vive-se folgadamente na penuria, com tanto que hajam festas e divertimentos.

Elysio Freire d'A. Pessoa.

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Foi alli feita uma violencia de capital importancia para o futuro d'um filho d'esta cidade, moço de apreciaveis dotes de coração e de caracter, applicado e intelligente alumno d'aquelle estabelecimento scientifico.

Por vezes nos referimos já ao facto, que excede, pela grandeza do escandalo e pela enormidade de injustiça, quanto de baixo se tem feito em escolas portuguezas, d'onde parece ter fugido a seriedade ao contagio deprimente dos aventureiros de todas as especies.

Esse estudante, que tem dos bancos do lyceu nacional de Aveiro até aos d'aquella escola as notas mais honrosas, defende-se da insidia com a exposição serena, singella mas eloquente dos factos que desde ha muito lhe déram a convicção d'um proposito firme de perdêl-o, mas as suas palavras, correctas até ao extremo, cheias de delicadeza e cheias de verdades, que ferem como espinhos, não calaram no animo exigente do tribunal inquesidor, que não está alli mais do que para satisfação das vaidades ridiculas d'um homem, tristes vaidades em que apenas se cevam odios mal contidos e de que se desentranham, em toda a sua plenitude, violentos rancores pessoaes.

Eis os factos, que o estudante se limita a apresentar sem outras considerações, e para elles chamamos a attenção do sr. ministro do reino, que ha de ouvir ainda quanto temos para dizer-lhe d'outras vezes sobre o assumpto.

*

A' consideração dos meus condiscipulos, dos meus contemporaneos e dos meus amigos, deixo a seguinte exposição dos factos que me deram a convicção de que a minha reprovação em Pathologia Geral, foi devida á imposição do professor Ricardo d'Almeida Jorge, do que resultou o procedimento pessoal que tive contra elle; exposição que para minha defeza apresentei ao conselho escolar, em virtude da intimação que recebi, como determina o § 2.º do art. 15.º do regulamento da Policia Academica.

Ill.^mos^ e ex.^mos^ srs. Director da Escola Medico-Cirurgica do Porto e mais Membros do Conselho Escolar.—Intimado, hoje, pelo correio, a dentro do praso de 48 horas, produzir a minha defeza, no processo de policia academica que me foi instaurado, em consequencia de um conflicto dado entre mim e o ex.^mo^ sr. dr. Ricardo d'Almeida Jorge, venho expôr a vv. ex.^as^ os factos que motivaram o meu procedimento, com o fim unicamente de demonstrar que, no que pratiquei, não tive intenção alguma de offender o conselho escolar, ao qual sempre respeitei e respeito, nem de desacatar a escola de que me honra de ser alumno.

E' certo que no dia 25 de junho proximo passado, em seguida ao meu acto de Pathologia Geral, em que fiquei reprovado, aggredi, perfeitamente desvairado, o sr. dr. Ricardo Jorge, que havia feito parte do jury, e a quem attribui a minha reprovação, que julgo injusta e que considero como resultante da má vontade de sua ex.ª para commigo, evidenciada por factos que já vem de longe, má vontade a que não dei motivo algum e de que não conheço a causa. Apresentei-me ao acto de Pathologia Geral seguro de que seria bom o seu resultado, porque, dias antes, por occasião de pedir, ao ex.^mo^ sr. dr. Illydio do Valle a sua benevolencia para o acto de materia medica em que fiquei plenamente approvado, perguntei a sua ex.ª que fôra lente da cadeira de Pathologia Geral durante quasi todo o anno, qual o seu juizo sobre a minha frequencia, e sua ex.ª dignou-se responder-me, palavras textuaes: *a sua nota é das melhores, ha melhores, mas a sua é d'aquellas com que n'um acto nós damos uma approvação plena*. Logo, porém, que o sr. dr. Ricardo d'Almeida Jorge começou a arguir-me, eu percebi que da parte de sua ex.ª nada podia esperar de favoravel. Sua ex.ª, sempre sentado de modo a não olhar para mim, a cada pergunta que me fazia, exclamava, depois da minha resposta: *Ora essa!... não é isso, sr...* Nunca, porém, se dignou mostrar-me aonde e nem em que eu errava. Fiquei reprovado. Porque? Porque fiz, ao que parece, mau acto. Mas então não se attendeu á minha frequencia que, na opinião do digno lente que durante a maior parte do anno regeu a cadeira e que foi o unico que me chamou á lição, pois o sr. dr. Maximiano de Lemos nunca o fez, *era d'aquelles com que n'um acto se dá uma approvação plena!*

Considerou-se, portanto, unicamente, a prova dada no acto, não se contou para nada a frequencia. Mas ao acto assistiram dois lentes, e, em vista d'isto, eu não deveria attribuir a reprovação, unicamente, ao sr. dr. Ricardo Jorge. Assim seria, se não houvesse antecedentes que me convenceram de que a minha reprovação fôra devida, sómente, á má vontade d'este sr. para commigo, como vou expôr.

Fui discipulo do sr. dr. Ricardo Jorge em Anatomia (repetição), cadeira do 2.º anno d'essa Escola, e cheguei quasi ao fim do anno, sem que sua ex.ª se dignasse chamar-me á lição. Desejando dar provas de frequencia, pedi a um cavalheiro do Porto que me recommendasse a sua ex.ª, e sua ex.ª, no acto da recommendação, informou a pessoa que se interessava por mim *de que eu era um grande cabula de quem nada havia a esperar*.

Em que se fundou, então, sua ex.ª, para formular um tal juizo a meu respeito? Eu tinha apenas tres faltas, na sua aula, e sua ex.ª nunca me havia chamado á lição.

Julgar-me-hia sua ex.ª pela minha frequencia na cadeira de Phisiologia que eu tambem frequentava? Mas ahi o ex.^mo^ sr. dr. Antonio Placido, que a regia, considerava-me um dos seus melhores alumnos, como sua ex.ª póde attestar. Seria pelo que se passou, no meu primeiro anno, n'essa Escola? Não podia ser, pois que eu tinha obtido approvação na cadeira que o constitue, e no unico anno em que a frequentei. Seria pela minha vida escolar, na Academia Polythechnica? Lá, em todos os actos que fiz, obtive approvações e classificações entre 11 e 13 valores. Seria pela minha passagem pelos Lyceus? Mas ahi ainda sua ex.ª não encontraria em que fundar o seu juizo *gratuito*. Só por uma grande antipathia para commigo se póde, pois, explicar a informação dada por sua ex.ª, á pessoa que o procurou para me recommendar. E' certo que mais tarde sua ex.ª me chamou á lição e que eu dei uma lição má. Confesso-o, francamente, sem pretender justificar a minha falta, como o podia fazer, pois aos mais briosos estudantes succede, por motivos independentes da sua vontade, faltarem algumas vezes ao cumprimento das suas obrigações escolares. O juizo do sr. dr. Ricardo d'Almeida Jorge a meu respeito não podia, porém, basear-se n'um facto posterior. Devo ainda notar que foi aquella a unica lição a que fui chamado. S. ex.ª não entendeu dever proporcionar-me occasião de me levantar.

Fechadas as aulas, apresentei-me ao acto, em que fiquei reprovado, apezar de ter feito um acto regular, *acto para passar*, como o declararam a meu pae os ex.^mos^ lentes, dr. Roberto Frias e dr. João Lebre, accrescentando que a reprovação se impoz, pelas informações que sobre a minha frequencia deu, ao jury, o sr. dr. Ricardo Jorge, lente da cadeira.

Agora seja-me licito perguntar: se a frequencia teve valor para a minha reprovação n'esta cadeira, porque não foi considerada no meu acto de Pathologia Geral? Aqui tinha eu, como o póde attestar o ex.^mo^ sr. dr. Illydio do Valle, frequencia para uma approvação plena, e comtudo fui julgado e reprovado pela prova do acto. Acolá fiz acto para passar, e comtudo fui reprovado pelas informações sobre a frequencia! Que criterio foi este que levou o sr. dr. Ricardo Jorge a veridictuns tão desiguaes?

Entretanto *o cabula* de quem nada se espera, apresentava-se, no mesmo anno, a acto de Phisiologia, e ficava plenamente approvado!

E' necessario notar bem o modo como eu era julgado por os demais lentes de quem tive a honra de ser discipulo.

Outros factos ainda demonstram a má vontade do sr. dr. Ricardo Jorge contra mim.

Eu e mais 6 condiscipulos, que em julho fômos reprovados na cadeira regida por sua ex.ª, requeremos ao governo de Sua Magestade licença para repetir o acto de Anatomia, em outubro. O meu requerimento foi o primeiro que entrou na secretaria d'essa escola, como o declarou o sr. Maia, guarda-mór. Pois todos os requerimentos, devidamente informados, chegaram a Lisboa, á repartição de Instrucção Publica, no Ministerio do Reino, á excepção do meu que se *sumiu*, de modo que o sr. secretario dr. Ricardo Jorge, nunca poude explicar! Metti novo requerimento e pedi a sua ex.ª para o informar, dando-lhe seguimento: s. ex.ª negou-se a fazel-o, apezar das minhas instancias e das de meu pae, e só depois de ordem terminante, dada telegraphicamente pelo sr. director geral da Instrucção Publica, é que se resolveu a enviar para Lisboa o requerimento devidamente informado. Obtive finalmente portaria, permittindo repetir em outubro o acto de Anatomia, que effectivamente repeti, conseguindo approvação, por maioria.

Como se póde comprehender o desapparecimento do meu requerimento, que foi o primeiro a entrar na secretaria da Escola? Por extravio? Mas então como explicar a recusa do sr. secretario a informar e dar seguimento a novo requerimento?

De certo que se não póde explicar pelos bons desejos de sua ex.ª em me favorecer.

Todos estes factos: o juizo gratuito de sua ex.ª, classificando-me como *um grande cabula de quem nada se espera; o desapparecimento do requerimento e a recusa em dar seguimento a outro*, do que me resultaria a perda de um anno, sem a intervenção do sr. director da Instrucção Publica; a reprovação em Anatomia (repetição), *baseada na minha frequencia, sem se attender ao modo como andei no acto;* e finalmente a reprovação em Pathologia Geral para a qual *se teve apenas* em conta a *prova que dei no acto, não importando para nada a minha boa frequencia* durante o anno: todos estes factos, repito, déram-me a evidencia da má vontade do sr. dr. Ricardo Jorge para commigo, e, o ultimo, equivalente á perda de um anno, atrazando-me no meu curso e inutilisando grandes sacrificios feitos por minha familia, foi a causa que determinou o desvairamento que me levou a aggredir o sr. dr. Ricardo Jorge, esquecendo-me do respeito devido á Escola e aos dignissimos lentes que o acompanhavam, pelo que me penitenceio.

Eis a exposição franca e feita, ao correr da penna, dos factos que actuaram no meu procedimento que hoje sou o primeiro a lamentar. Tome-a o dignissimo conselho escolar na consideração que lhe merecer, certo de que acatarei o seu veridictum, como me cumpre.

Aveiro 3 de julho de 1895.

Francisco Augusto Regalla.

Sobre instrucção

Conta-nos o *Tempo*, que gosta tambem de vender bem o seu peixe, que a reforma de instrucção do sr. Dias Ferreira, de 6 de maio de 1892, teve em vista transferir para o Estado os serviços de instrucção, pondo cobro aos desperdicios dos municipios, respeitando, porém, todos os direitos legalmente adquiridos.

Isto é que é fallar. Com que então, os municipios, sobre que cahiam não raras sensuras por falta de pagamento ao professorado, faziam desperdicios com elle, e taes, e tão grandes, que o sr. José Dias se viu na necessidade de transferir para o Estado os serviços de instrucção! Não ha nada assim.

Um grande homem, com uma grande cabeça, este sr. Dias Ferreira. Os municipios, que não pagavam aos pobres mestres escolas, desperdiçavam! E vae o reformador de 92, que tanto reformou que tudo confundiu, e passa para o governo, onde imaginou ficar eternamente, a attribuição das nomeações, e diz depois ás camaras, todo ancho da sua obra: quem nomeia, quem se serve d'esse pretexto mais, de mais essa arma politica, sou eu; quem, todavia, tem de aguentar-se com as despezas, sois vós.

Talqualmente como o sr. João Franco na actualidade, que pratica a grande obra da creação de 500 escolas novas, põe na rua e portanto atira para a miseria algumas dezenas de professores interinos, substitue-os por amigos effectivos, e diz ás camaras com arreganho: paguem vocês; nós, cá os do poleiro, só nomeamos.

Explicações

Sob esta epigraphe, e com explicações realmente claras, positivas, terminantes, que annulam por completo intrigas das mais repugnantes intenções, tendentes a lançar discordia onde a não ha nem póde haver, escreve o nosso esclarecido collega do *Correio da Noite* o seguinte artigo:

> «A imprensa ministerial e alguns jornaes republicanos mostram-se muito preoccupados com o supposto antagonismo entre as tradições liberaes do nosso distintissimo amigo, o sr. Barros Gomes, sobre as doutrinas e principios debatidos e approvados no congresso catholico. E pedem-nos explicações cathegoricas sobre o caso.
>
> Pois nada mais facil. Não foi como politico que o nosso illustre correligionario tomou parte n'aquella assembléa de catholicos. Não se discutiram alli theses partidarias, nem se votaram leis. No plenissimo uso dos seus direitos, os membros do congresso, e entre elles o sr. Barros Gomes, expozeram sincera e lealmente as suas ideias sobre as materias que vieram á discussão.
>
> Respeitamos tanto a sua liberdade de consciencia, como elle decerto respeita a liberdade de pensar dos seus correligionarios sobre aquelles assumptos, tanto hoje, como quando chegar a opportunidade de os trazer para a tela dos debates ou resoluções partidarias. Liberaes e catholicos, confiamos que entre nós e o sr. Barros Gomes se estabelecerá sempre perfeito accordo em todas as questões em que o bem do paiz, na mais ampla accepção d'esta palavra, deva ser o unico inspirador dos nossos actos e deliberações, como membros do mesmo partido. Não temos, pois, que modificar o nosso programma liberal, nem havemos de faltar ao respeito devido ás nossas honradas tradições. Não esqueceremos as affirmações e precedentes de Anselmo Braamcamp, e dos seus illustres contemporaneos, mas havemos de acatar a liberdade de todos, sem excluir os nossos mais dignos, leaes e illustrados amigos e correligionarios.
>
> Agora, o que desejavamos saber, é qual é a opinião do governo, que auxiliou, favoreceu e reconheceu o congresso catholico, sobre as doutrinas e resoluções alli discutidas e adoptadas. Isto é que é importante. Pedimos á imprensa ministerial claras explicações a este respeito. Venham quanto antes para nosso governo e illustração do paiz.»

Muito bem. Mas escusa o collega de contar com as claras explicações que pede á imprensa ministerial. Se toda a escura vida do governo é um mysterio!...

A supressão dos concelhos

O sr. ministro do reino resolveu, emfim, acabar de esgotar a paciencia publica, e, passado como vae já o tempo dos protestos em que se levantou o paiz contra a decantada reforma administrativa, vae agora proceder á supressão dos concelhos, provocando com ella os mais graves conflictos no seio do povo adormecido.

E' uma cartada perigosa, mas como temos homem para tudo, não duvidamos de que a jogue.

E' necessario, realmente, acordar o leão que dorme, levantar o paiz d'esta criminosa indifferença em que se mantem. A nova violencia do governo é de molde a levantal-a. Já não vae sem tempo.

A contribuição industrial

A repartição de fazenda d'este conte, mimoseou o anno passado a imprensa local com a errada classificação que em seu arbitrio entendeu dever dar-lhe. Nenhum dos jornaes locaes se deu ao incommodo de vêr a tempo a gentileza, e, quando quiz reclamar, estava fóra do praso. Mas como o feito era de tal quilate que mereceu até as sensuras do ministro da fazenda, s. ex.ª, a reclamação extraordinaria da imprensa, mandou annullar a collecta e fazer a classificação como era justo.

Aquella repartição, porém, que com razão se julga superior ao proprio ministro, que não teme, pela fórma levantada porque dirige os negocios da fazenda concelhia, as antipathias da imprensa, obsequia-a de novo no corrente anno com a antiga classificação, e a imprensa local, que leva uma vida de rosas, facilima, cheia de prosperidades e de riquezas, tem a satisfação de pagar, em vez de oito, a modica quantia de 26$000 réis! Uma graça, como se vê.

Ora nós perguntamos á repartição de fazenda se é para entreter-se comnosco que procede assim, se imagina que póde impunemente brincar com fogo, porque estamos resolvidos a levar até onde fôr preciso a defeza dos nossos direitos e dos nossos interesses mais legitimos. E ficamos hoje por aqui, como prevenção apenas.

Apenas justo

A relação do Porto, em accordão proferido na sua sessão de 3 do corrente mez, deu provimento ao recurso interposto pelo editor do jornal o *Nordeste*, de Bragança, contra o processo instaurado na primeira instancia, por abuso de liberdade de imprensa.

Que não havia crime, dizia-se no recurso, e que antes era dever patriotico accusar as illegalidades e infracções constitucionaes praticadas pelo governo, como de facto é.

A doutrina do *Nordeste* mirava apenas a aconselhar ao povo a resistencia considerada, por tal motivo, um dever civico. E o tribunal, ponderando as allegações do recorrente, sanccionou-as, declarando assim legitima a resistencia aos abusos do poder.

E' por esta fórma que a justiça se rehabilita aos olhos de toda a gente. Oxalá que o exemplo fructifique.

CARTA DE LISBOA

12 DE JULHO DE 1895.

Contra as variadas affirmações da imprensa governamental, que se suppõe no direito de desmentir todas as noticias que a incommodam, julgando assim illudir alguem, o que se passa na Guiné é muito mais sério e grave do que se julgava.

E' já fóra de duvida que a guerra está eminente. A' desordem provocada pelos desatinos alli commettidos sem correcção, veem juntar-se agora os odios das raças, provocados pelos que lucram com pugnas de tal ordem, que teem, decerto, as mais graves consequencias. Conta-se que o mamadih Paté Caido, grande potentado dos fulos pretos, animado e protegido pelos francezes, foi atacar outros fulos pretos estabelecidos no territorio portuguez, de Farresh, e roubou e talou á sua vontade sem que o governo local tomasse as devidas providencias. Os fulos nossos subditos, em vão pediram soccorros, pelo que perdemos completamente o prestigio. A segurança em Bissau está por tal fórma ameaçada, que ninguem sahe os portões da praça para se afastar alguns metros para fóra. Diz sobre o caso uma folha ministerial, que o governador accumula os vencimentos d'este cargo e os do commando da *Rio Ave*, e que o governo manda cortar as arvores colossaes, que ensombravam Bolama e faziam a formosura e a relativa salubridade da terra, em vez de dar as providencias que o concede. Estas são as occupações do governo com respeito ao ultramar. Que devemos esperar pois?

— Tem-se prestado aqui a um ridiculo pasmoso a noticia, publicada em varios jornaes, e tirada do proprio *Diario do Governo*, da nomeação do tal... Arroyo... tiranno, para mais uma direcção d'uma companhia do... bico de gaz... E' homem para tudo, pelo que se vê.

— Tambem se falla aqui muito n'uns certos manejos, empregados por uma *joven companhia*, em que entra um certo *financeiro* d'alto coturno, para tentarem extorquir dinheiro aos pobres empregados de fazenda...

— Estiveram aqui os srs. barão do Rio Ave e conselheiro Boaventura Rodrigues de Sousa. Suas ex.^as^ regressaram ante-hontem a Villa do Conde. O sr. barão foi aqui cumprimentado pelo illustre chefe do partido progressista e por outros amigos, cavalheiros de reconhecida importancia politica.

— Um aviso importante aos reverendos parochos do paiz:—O illustre ex-chefe do ex-partido ex-constituinte, sr. José Dias Ferreira, declarou ha dias em tom irritado, que logo que fosse ao poder não concederia nem mais uma aposentação a um parocho.

Que mal lhe faria o clero, e digo isto porque o sr. Dias Ferreira é homem de vinganças?

— Afinal, o sr. Carlos Bocage foi nomeado mas é para, em missão extraordinario, proceder á delimitação de Manica, segundo as mais auctorisadas versões. Ora tendo a *Tarde* de hoje declarado que o *tempo das missões extraordinarias passou*, a nomeação vem a proposito, para acabar de formar o conceito em que a opinião tem já de ha muito a imprensa d'este feliz governo que nos rege.

— O *Diario* publicou hontem o excellente relatorio da direcção da companhia do Nyassa, tão nobremente presidida pelo sr. visconde d'Asseca. E' um documento digno de ler-se.

— Os srs. duques de Loulé e marquez de Pombal foram agraciados com a gran-cruz de S. Carlos do Principado de Monaco.

— Deixa ámanhã a direcção politica do *Correio da Noite* o sr. Anselmo d'Andrade, que durante 5 annos esteve á frente da sua redacção. A direcção d'aquella folha fica entregue ao nosso amigo, sr. D. João d'Alarcão.

— O sr. ministro da marinha presidiu hoje ao conselho do almirantado.

— Nota-se aqui com prazer que não teem succedido n'este ultimo tempo casos de incendio de grande importancia. O ultimo mais notavel foi o da camara dos deputados, cuja reedificação o governo vae protelando tanto quanto pode. E para que ha-de elle ter pressa na reedificação d'uma casa cujo serviço está proscripto n'este paiz?! O governo tem razão. A casa podia ser ainda uma esperança; desde que ella não exista, o paiz ha-de conformar-se e tudo irá bem porque assim o quer quem, segundo a versão de Sampaio, tudo póde n'este paiz.

— D'aqui, onde o calor é asphixiante, tem sahido muitas familias para o campo, e começam a sair tambem para as praias. Quem tem meios de viver fóra d'aqui, não se resigna a permanecer n'um ponto onde o calor quasi que não deixa respirar livremente.

— Como lhes disse ha dias, foi já transferido de Extremoz para Oliveira d'Azemeis o sr. Manuel José Dias Salgado, que por muito tempo serviu em Ovar, deixando alli bom nome. O sr. Coelho da Rocha, que completou em Oliveira o seu sextanneo, vae para Extremoz até que possa ser collocado em uma comarca do norte mais proxima da sua naturalidade.

— A embaixada de Gungunhama chegou a Lourenço Marques e alli conversou com o sr. conselheiro Ennes, affirmando as ideias pacificas do chefe e offerecendo saguate (presente). O sr. commissario régio não o acceitou, nada decidiu e mandou nova embaixada ao Gungunhama, sendo composta do conselheiro Almeida e dos tenentes Ornellas e Cardoso. A embaixada do Gungunhama era composta do vatua Intanga, que tem importancia, do preto N'jouji, que servia como interprete e de alguns servos. Este N'jouji diz-se que é um refinado tratante, ladrão e bebado. O Intanga já esteve em Lisboa no tempo de El-Rei D. Luiz.

— Vem ámanhã no *Diario* a promoção dos conductores auxiliares de obras publicas, que ultimamente foram classificados e que vão dar entrada nas vagas existentes no quadro de conductores effectivos.

— Contam-se aqui scenas vergonhosas de casos de escravatura em Angola. Cumpre ao sr. ministro da marinha pedir informações sobre o facto ao governador d'aquella provincia.

—Acha-se já em poder do sr. Motta Veiga, advogado dos carvoeiros processados no 3.º districto, a certidão que estes requereram de qual foi o numero das fianças prestadas, a sua importancia e a parte que prtenceu ao juiz, ao escrivão e ao official de diligencias. D'essa certidão consta que as fianças prestadas foram 139, na importancia total de 1:170$380 réis, e que pertenceu—ao juiz 250$200, ao escrivão 496$230 e ao official de diligencias 68$110. O resto coube ao contador, á Fazenda Nacional e a quem fez os requerimentos.

— Diz-se que o governo vae modificar a lei das associações de soccorros mutuos, difficultando a constituição de novas associações. Era de prevêr, visto que a actualidade vae de feição para esmagar todas as aspirações da liberdade. O serrote governamental não poupará as associações de soccorros, mutuos como não poupou as associações commercio e da industria. Mas era isso de esperar. Quando terminará tudo isto?

— Foram hontem despachadas na alfandega, para Londres, no vapor *Gibraltar*, mais 715 libras. A Inglaterra postou deixar-nos sem ouro, como nos tem despojado do melhor que possuimos, e o governo continúa de braços cruzados, a vêr o descalabro.. e fazendo politica, que é o que mais lhe interessa e lhe convém.

Y.

Lisboa 12.

A QUESTÃO DOS PESCADORES

O nosso amigo e chefe, sr. conselheiro Manuel Firmino, fez aqui uma representação em nome dos pescadores de todo o littoral d'esse districto, e apresentou-a pessoalmente ao sr. ministro da fazenda, que o recebeu com a amabilidade que o caracterisa e com a distincção devida ao benemerito filho d'essa cidade.

A representação pede a reducção do imposto do pescado, sobre que o *Campeão* tantas vezes tem fallado, ou a sua substituição pela contribuição industrial, e sei que o sr. conselheiro Hintze está resolvido a attendel-a, tal foi o convencimento em que ficou da justiça que assiste aos peticionarios, depois de ouvir o velho e honrado director do *Campeão*. Não dá um passo, o sr. conselheiro Manuel Firmino, que não seja em favor dos desgraçados. Grande alma a sua, nobre exemplo e de toda a sua atribulada mas bemfazeja existencia! Que será d'essa terra, que será dos desgraçados, quando a fatalidade o roubar ao coração de toda essa gente! Deus lhe conserve a vida, tão preciosa para os milhares de infelizes que a sua misericordia ampara.

Sobre o assumpto, que é do maior interesse para essa terra, fallam já as mais importantes folhas de hoje. Diz o *Jornal do Commercio:*

> «Sabemos que foi apresentada ao sr. ministro da fazenda uma representação em que os pescadores de todas as campanhas que poscam pelo systema d'arrasto, desde Espinho até Mira, pedem modificações no modo de cobrança de imposto, que com justiça não podem ser-lhes negadas. E' muito para desejar que o que pedem seja deferido—tão justo é o que esta infeliz classe impetra dos poderes publicos.»

Escreve o *Commercio de Portugal:*

> «As companhas de pesca que exercem a sua penosa industria desde Espinho até Mira, representaram ao governo pedindo uma modificação no systema de cobrança do imposto, que nos parece inteiramente justa. E' de crer que o pedido seja attendido sem demora, tão urgente elle é. Digna de todas as considerações é, sem duvida, esta desditosa classe.»

Diz tambem o *Correio da Noite:*

> «Foi apresentada ao sr. ministro da fazenda uma representação das companhas de pesca de todo o litoral do norte, pedindo umas modificações no systema de cobrança do imposto, cujo deferimento se traduz por um acto de alta justiça. Espera-se por conseguinte que o pedido feito tenha um deferimento prompto, tão justo é.»

Informal-os-hei telegraphicamente do que o ministro resolver, podendo affirmar desde já que é negocio resolvido. Mais um importante e valiosissimo serviço, que tantos centenares de familias ficarão devendo ao prestante e benemerito cidadão, illustre filho d'essa terra.

Y.

A' ultima hora

LISBOA 13, Á 1 H. E 30 M. DA T.

Ao *Campeão das Provincias*—Aveiro.

A questão Nyassa. — A dos pescadores. — Outras noticias.

O grupo da companhia do Nyassa, presidido pelo nobre visconde d'Asseca, constituiu seu advogado o sr. dr. Levy, para a acção criminal contra Arroyo, Centeno & C.ª.

A representação dos pescadores de Aveiro, está em via de deferimento. Ha toda a esperança da boa resolução esperada.

Foi nomeado curador de S. Thomé o dr. José Carlos Machado.

Foi creado um districto na Lunda, ficando governador o sr. Henrique de Carvalho.

Y.

Discurso do sr. Bispo Conde

Damos em seguida publicidade ao substancioso discurso proferido no congresso catholico internacional de Lisboa, ultimamente celebrado, pelo venerando prelado d'esta diocese, sr. D. Manuel Corrêa de Bastos Pina:

Eminentissimo sr. Cardeal Patriarcha.—Meus senhores:—Vimos de Coimbra, da cidade em que disputam primazias os cultos de Minerva e os encantos da natureza, os monumentos da religião e os monumentos das sciencias; e que, além de outras glorias, tem a de ter sido residencia do nosso Santo Antonio, e a de possuir e guardar os tumulos em que estão o grande rei que fundou a nossa monarchia com o seu valor, e a bemaventurada rainha que a santificou com a sua virtude; e, quando, antes de partirmos para aqui, oravamos junto d'elles na egreja de Santa Cruz e no Mosteiro de Santa Clara, pareceu-nos ouvir dizer ao sr. D. Affonso Henriques o seguinte:

Ide, bispo de Coimbra, ao Congresso Catholico de Lisboa, e dizei n'elle, e dizei especialmente ao meu successor, el-rei o sr. D. Carlos, que eu, pela religião e pela fé, combati e conquistei o reino de que Sua Magestade tem o throno e a corôa que lhe cinge a fronte; que é pequena em territorio, mas grande e sem rival pelo caracter e pelo genio dos seus habitantes, a herança que lhe deixei; e que sem a religião e sem a fé não poderá defender-lhe a integridade, nem conservar-lhe o esplendor.

Dizei que muitas vezes me confrangi e angustiei na minha sepultura, ao vêr que, nas chamadas conquistas da civilisação moderna, principiavam a pôr de parte aquelles elementos necessarios e indispensaveis para o bom governo e grandeza das nações; porque vi logo tambem que por semelhante caminho iam dar cabo do que tanto me custou a ganhar com a minha espada e com o meu sangue; mas que hoje me regosijo e congratulo por vêr que, desenganados do seu erro por dolorosa experiencia, que tanto tem feito humilhar a bandeira das quinas, procuram emendar a mão e restituir á patria, por meio da sua antiga fé, a sua antiga gloria.

Dizei finalmente que não tenha o meu successor e o seu governo receio algum de entrar franca e desassombradamente n'este caminho, porque nem para um rei tão illustrado e tão energico póde haver hesitações entre o Evangelho e a anarchia, entre a cruz e a dynamite; nem para a nação fidelissima póde haver perigo algum, quando o rei está unido com o seu povo, como eu estive sempre unido com o meu pelo mesmo laço do amor da religião e do amor da patria.

Do mesmo modo nos pareceu ouvir tambem á Rainha Santa Izabel as palavras seguintes:

Ide, Bispo de Coimbra, representar no congresso catholico a cidade de que eu sou padroeira e de que vós sois pastor: ide advogar a grande causa da religião e da fé, que foi sempre a força que me susteve nas tribulações do mundo e nos desgostos da corôa, que foi mais tarde, na paz e no socego da religião e da clausura em que morri, a consolação ineffavel da minha alma, e que ainda agora, no santuario e nos altares a que me levantou, é a fonte perene d'onde correm tantos beneficios e esperanças para o nosso bom povo de Coimbra, e tantos cultos e tão fervorosos para a sua antiga rainha:

Dizei tambem no congresso catholico que, nas minhas tristezas pela decadencia do meu querido Portugal nos ultimos tempos, muito me tem consolado ver que a mulher portugueza, honrando o seu titulo de mulher christã, é a primeira a unir-se e a levantar-se na côrte para fazer a propaganda do bem, soccorrendo a pobreza por todos os modos e auxiliando e facilitando a vida dos operarios com sopas economicas:

Dizei que me consola mais que tudo ver á frente d'esta santa cruzada, a todos animando e edificando, a actual herdeira da minha corôa, a quem direis da minha parte que eu não cesso d'interceder por ella junto do Altissimo para que proteja e abençoe o bem que está fazendo com a sua caridade e com o seu exemplo; e que não se desconsole nem desalente com as divisões e violencias partidarias dos seus subditos e com as amarguras que d'ellas veem para a sua corôa, porque, assim como eu pude acalmar no meu tempo o furor de tantas guerras com a minha caridade, resignação e paciencia, ha-de ella poder acalmar tambem agora, com estas mesmas virtudes de que Deus a dotou, o fogo de tantas paixões e a indisciplina e anarchia de tantos espiritos; e que em todo o caso nada deve temer uma rainha que tem, como ella, a limpidez da consciencia e a gratidão e o amor do seu povo.

Foi o mais humilde dos bispos que teem presidido á santa egreja de Coimbra quem julgou ouvir estas palavras aos soberanos mais gloriosos que tem tido a corôa portugueza, e é a voz menos auctorisada que podia ter este Congresso que ousa vir aqui referil-as, depois d'ouvidas já tantas e tão primorosas e eloquentes, e no meio da confusão e deslumbramento que nos causa uma assembleia como ainda não vimos outra em terras portuguezas.

Perdoae-nos, senhores, o nosso arrojo e temeridade, levae-nos para isso em conta os deveres de obediencia que não podemos deixar de cumprir, mas não para fazer a recapitulação e apreciação dos discursos d'este Congreso, como para ahi se disse. Não podiamos acceitar semelhante encargo, para todos difficilimo, e para nós inteiramente impossivel, por não termos para isso nem competencia nem auctoridade. E' outro o rumo para que nos levam as palavras que referimos: e antes de tudo, senhores, assim como ao pé das grandes arvores se toleram os fracos e rasteiros arbustos, que mais lhes realçam a altura e o valor, assim tambem bem esperamos que vós, senhores, e sobre tudo que os grandes athletas da palavra e do talento que temos ouvido, tolerem que a nossa reconhecida inferioridade, dando maior realce tambem á sua eloquencia, desafogue aqui os sentimentos de alegria, de esperança e de enthusiasmo, que não podemos abafar em nosso coração ao vermos que já em Portugal e na côrte se reunem, em Congressos catholicos, para defenderem e advogarem as doutrinas do Evangelho e para insuflar a fé e o espirito christão na vida do povo portuguez, as mais altas culminações que temos no serviço da Egreja e no serviço do Estado, na aristocracia do sangue e na aristocracia do talento, no esplendor das virtudes e no brilho das sciencias, nas riquezas do commercio e nas producções da industria, nos fulgores do genio e no valor das armas: e de mais a mais tudo isto aureolado pela presença de tantas senhoras gentis e benemeritas, que trazem a este recinto o doce perfume das suas virtudes e o respeito e admiração que nos estão impondo.

Mas não temos só a necessidade d'este desafogo.

E' uma grande honra para Portugal e sobre tudo para os Bispos portuguezes termos tido n'este congresso um respeitabilissimo Prelado da America, e tão bem e tão dignamente representado pelo em.mo sr. cardeal arcebispo de Valencia o illustre episcopado hespanhol, que tanto tem conquistado o respeito e admiração publica pela sua união, pelo seu zelo, pelo seu saber e pela actividade e energia com que defende a causa da Egreja, acatando e respeitando sempre a abençoada rainha, que, na qualidade de regente, está presidindo ao governo do seu paiz com tanta fortuna d'este e tanta gloria d'ella. Não podemos pois deixar de saudar o em.mo sr. cardeal arcebispo de Valencia, ornamento da Egreja e honra da sua patria. o sr. arcebispo da Trindade e todos os illustres sabios estrangeiros e nacionaes, gloria das letras e apoio e esperança da religião.

Pedimos a todos que se dignem de acceitar os nossos agradecimentos por virem abrilhantar tanto o Congresso, uns com a sua palavra, outros com a sua auctoridade e todos com a sua presença, e tambem por virem dar este bom exemplo de fraternidade que que deve haver entre os catholicos e especialmente entre os da peninsula, sem quebra da sua respectiva autonomia e independencia.

No excesso, pois, da nossa gratidão e do nosso contentamento, permitti-nos, senhores, que digamos:—Vivam aquelles illustres prelados, nossos queridos irmãos em Jesus Christo: vivam todos os illustres sabios e congressistas, e viva tambem Portugal; porque, por este movimento religioso e por este accordar da fé amortecida para a fé viva, levanta o prestigio do seu nome, conquista respeitos e cortezias das outras nações e prepara e apressa o advento de dias mais felizes para a religião e para a patria.

E em vista de tudo isto, e de tantas affirmações que aqui se teem feito de fé, de boas doutrinas e de patriotismo, e por oradores de tanta auctoridade na Egreja e no Estado, nas letras e na politica, em vista do applauso e do enthusiasmo com que ellas teem sido recebidas por tão respeitavel assembleia, com que alegria e alvoroço religioso iremos dizer, quando d'aqui regressarmos junto do tumulo do sr. D. Affonso Henriques e de Santa Isabel:

Dormi socegados o vosso somno, illustre guerreiro e Santa Rainha, porque o vosso Portugal está salvo. São ainda portuguezes os vossos descendentes, corre-lhes nas veias sangue, e não se extinguiu ainda em seus corações a vossa fé.

E com effeito não pode perigar e cahir um reino, que tem d'estes subditos, e que, na reivindicação das suas antigas crenças, celebra Congressos catholicos como o de Braga e como este internacional de Lisboa; que faz peregrinações religiosas como a do Sameiro, e procissões na côrte como a do Coração de Jesus no anno passado, e como a de Corpus Christi n'este anno, e sobre tudo que celebra festas grandiosissimas e esplendorosas como essas que ahi vemos ha tanto tempo para honrar um santo portuguez, que é uma das nossas grandes glorias. O espectaculo maravilhoso da procissão de Santo Antonio pelo Tejo, a que assistimos, é unico e não se repete; levantou-nos o espirito e dilatou-nos o coração. Como que nos sentimos transportado d'este meio, em que vivemos, de pequenas cousas para as grandezas e crenças religiosas da edade média. Muitos parabens e muitos louvores sejam dados a quem concebeu e realizou, com tão bom exito, esta parte tão importante das festas Antoninas.

Não pode tambem perigar e cahir um reino que nas suas assembléas politicas celebra sessões sobre assumptos religiosos como a de 27 de novembro ultimo na camara dos dignos pares; que vê os seus homens politicos e estadistas, sem differença de partidos, secundar e apreciar, no interesse do Estado e do seu governo politico, a acção religiosa da Egreja e o desempenho da sua missão divina; e que dos estragos da revolução, da desconfiança e medo infundado da Egreja, e da falsa e absurda preoccupação de que é preciso combatel-a para se ser liberal, principia a ver surgir nas espheras mais altas do poder a paz cada vez mais accentuada entre a vida religiosa e politica, e o reconhecimento, já traduzido em factos, de que, para o bem social e para a regeneração do paiz, é necessaria e indispensavel a harmonia e auxilio mutuo entre a Egreja e o Estado. Estão n'isto d'accordo os nossos homens politicos, e bem o frizou na sessão da camara dos dignos pares, a que já nos referimos, o sr. conde de Casal Ribeiro, que d'aqui estamos vendo com a admiração e respeito que inspiram os seus grandes talentos, os seus sentimentos catholicos e patrioticos e a sua grandissima auctoridade. E, para prova tambem do que dizemos, ahi está o sr. Nuncio, que se digna de honrar tambem este Congresso com a sua presença, para dizer como as desconfianças e luctas, que havia d'antes entre os representantes da Santa Sé e o nosso governo, succede nos ultimos tempos a mais delicada cortezia e reciproca confiança como reconhecimento e justiça devida, por parte do sr. Nuncio á cordura e boa vontade que tem encontrado no governo, e por parte do governo ás virtudes, prudencia, zelo e dedicação com que s. ex.ª rev.ma, sempre tão amigo do nosso paiz, promove tudo quanto é religioso e bom para elle, sem faltar nunca ao que lhe impõe a sua qualidade de extrangeiro e diplomata.

E não se diga que o Papa, os Bispos e o Clero advogam a harmonia entre a Egreja e o Estado só por interesse proprio. Não é a Egreja a que mais precisa d'esta harmonia e do auxilio do braço secular para o desempenho da sua missão na terra, e jámais os verdadeiros crentes, que põem toda a sua confiança nas promessas divinas, se intimidaram com as ameaças da liberdade de cultos e da separação da Egreja e do Estado.

Já em 1875, ha vinte annos, voltando nós d'uma visita pastoral ao nosso Bispado, e vendo quanto estava arreigado no coração dos povos o sentimento religioso, e quanto ouviam e attendiam a voz do seu pastor, ainda mesmo sendo indigno como nós, publicámos e ponderámos em uma pastoral quanto era grave o erro d'aquelles que advogavam e pretendiam a liberdade de cultos para o nosso paiz. Passaria, por meio d'ella, grande influencia na politica e no governo da sociedade portugueza para as mãos dos Bispos catholicos, que, soltos das peias que hoje os prendem, quizessem aproveital-a, porque nas provincias e nas aldeias as auctoridades civis não teriam força para levar os povos de encontro ao que os seus Bispos, lhes ensinassem e prégassem nas parochias e nas egrejas com o seu baculo na mão, e a sua mitra na cabeça, e revestidos de todo o seu poder divino. E não se diga que a auctoridade Episcopal não tem já a força que tinha n'outro tempo, porque o seu poder é tão divino hoje, como era outr'ora, e como ha de ser sempre até á consummação dos seculos. Mas, se não obstante isto nos estiver reservado ainda algum desvairamento para perseguir a Egreja, que importa? O numero dos seus triumphos conta se pelo numero das suas perseguições. Quando o lenhador, entrando na floresta, desvasta e corta tudo a eito, — arvores grandes e pequenas e até os proprios arrebentos,—todos julgam que ella acaba e desapparece para sempre; e comtudo, passado tempo, a floresta renasce e apparece outra vez e com mais seiva pelas raizes que o machado não poude cortar. Assim tambem a Egreja, que as luctas, as perseguições e os martyrios pareceram de todo anniquilar e destruir, torna a apparecer depois com mais força e mais vida pelo poder invencivel e milagroso da fé, que nenhuns odios, nenhumas perseguições e martyrios podem extingir no coração e na consciencia dos crentes e verdadeiros filhos de Deus.

E' o que tem acontecido sempre no passado, é o que acontece no presente e o que ha de acontecer sempre no futuro, porque não pode morrer ás mãos dos homens o que não é obra dos homens; e emquanto os inimigos da Egreja, que são como as folhas do outomno que o vento leva, vão cahindo uns após outros na vala do tumulo, açoutados ou por tempestades e vendavaes que não poucas vezes tornam tragico o seu fim, ou pelos remorsos que augmentam o supplicio e a agonia da hora extrema, este reducto inexpugnavel da nossa fé, esta barca mysteriosa de Pedro resiste sempre, e sempre luctando e vencendo ou as tramas revolucionarias urdidas nas trevas, ou as ondas encapelladas do mar revolto, como o sr. Arcebispo d'Evora aqui demonstrou com o saber e eloquencia que todos admiramos, e que faz a honra e a gloria do Episcopado portuguez.

Julgaram que os progressos e descobertas das sciencias modernas, da physica, da chimica, da astronomia e da cosmogonia fariam cahir por terra os livros santos e os ensinos da Egreja, e esses progressos e descobertas não têem feito senão corroborar as verdades divinas, e mostrar os erros e absurdos em que cahem aquelles que as combatem e que pretendem substituil-as por outras, como aqui mostraram, com muito saber e com muita logica e erudição, o sr. dr. Luiz José Dias e o sr. dr. Anaquim, e com estes mesmos dotes e com o seu arrebatamento de palavra e de enthusiasmo o sr. padre Senna Freitas.

Julgaram que os arrebentos da arvore da Egreja portugueza, as ordens religiosas, pelo modo por que foram cortados em 1834, nunca mais desabrochariam e nem mais se fallaria n'elles; e comtudo não faltam já até politicos e estadistas liberaes que advoguem a necessidade de que elles cresçam, vivam e frutifiquem outra vez, pelas muitas razões que tão bem aqui expoz o sr. Arcebispo Bispo do Algarve, com o saber e eloquencia que todos admiramos, e que egualmente faz a honra e a gloria do Episcopado portuguez. (1)

Julgaram que podiam banir Deus da familia, da escola e da sociedade, e nunca foi tão reconhecida como agora, e por auctoridades de tanta força e insuspeitas, a necessidade de que Deus, a sua justiça e a sua moral reinem na familia, na escola, nas fabricas e nas differentes associações modernas. Ahi está o sr. conselheiro Barros Gomes, que o disse aqui tão brilhantemente e por entre os applausos e apoiados que lhe demos, e que merece o catholico fervoroso e pratico, o talento e saber consummado, o politico e estadista religioso e distincto e o chefe de familia virtuoso e exemplar, que os bispos portuguezes muito nos gloriamos de ver ao nosso lado, fazendo-nos cobrar animo e enchendo-nos de esperanças na defeza da causa por que todos nos empenhamos. Ahi está tambem o sr. dr. João da Trindade, que acaba de dizer, com muito saber e erudição e com muito rigor logico, quanto é necessaria para a sociedade não a moral independente, mas a moral de Jesus Christo, que se contem nos livros santos.

Julgaram que ao escalavro da porta pia succederia logo o escalavro e anniquilamento do Vaticano, e a força e o poder do Vaticano nunca foi tão grande como está sendo agora.

O chanceller de ferro, que symbolisou na sua pessoa o maior poder dos tempos modernos, viu-se na necessidade de substituir as suas arremettidas tambem de ferro contra o Papa e contra o Clero por transigencias e attenções com a Egreja Catholica, para escapar ás tempestades que levantou.

Algumas das nações mais cultas e dos soberanos mais poderosos da Europa não têem duvidado subir os degraus do Vaticano para confiarem ao seu poder e á sua justiça a resolução das suas contendas.

E o gloriosissimo Pontifice, que ora vive n'elle, mettido sempre entre quatro paredes, sem Estados, sem thesouros, sem exercitos e quasi no fim da vida e de todo consumido pelos annos e pelos trabalhos, enche ainda o mundo inteiro; e é tal a admiração e esplendor que cercam a sua tiara, e tão grande o respeito e prestigio que faz levantar o seu poder sobre todos os outros poderes da terra, que, no meio das tempestades sociaes do nosso tempo e do tumultuar e referver das paixões, que vão tornando difficillimo o governo dos Estados, todos os olhos se voltam para o grande vulto de Leão XIII, como a encarnação do espirito de justiça e da paz, como a estrella polar que deve guiar o rumo da nossa vida religiosa e politica, e como a taboa de salvação em que devemos pôr as nossas esperanças. Não somos nós que o dizemos. Disse-o um talento brilhante da nossa terra, um grande politico e estadista liberal e por isso insuspeito, o sr. Pinheiro Chagas, cuja falta foi tão sentida. E disse-o tambem aqui o sr. dr. Agostinho d'Azevedo no seu bem trabalhado e eruditissimo discurso, e com o seu calor de palavra e de convicção.

Mas, porque a Providencia divina tem assistido tão visivelmente á sua Egreja, e porque o seu chefe supremo, o grande Pontifice Leão XIII, tem sabido conquistar para ella este apogeu de gloria com a sua politica conciliadora e com a alta comprehensão do tempo em que vive, poderemos nós envaidecer-nos e gloriar-nos a ponto de não julgarmos já necessaria a harmonia e auxilio do poder civil, e o emprego dos meios para o conseguirmos, sem quebra dos direitos que pertencem ao poder espiritual?

Não, mil vezes não. Em todos os tempos e por muitos motivos seria isso um grande erro: nos que vão correndo seria um grande crime.

Entre outras razões, que por falta de tempo não podemos expôr, o enfraquecimento do principio d'auctoridade e a insubordinação que d'elle deriva para os espiritos e para as vontades, chegando a querer tomar o mando aquelles a quem cumpre obedecer, é o que mais difficulta a sociedade no presente e o que mais a preoccupa e assusta no futuro.

Fortalecer, pois, a auctoridade publica, que desde o encyclopedismo tanto se tem afrouxado, é hoje uma das grandes necessidades religiosas e sociaes. Embora com fins differentes e meios d'acção tambem differentes, a Egreja coexiste com o Estado e não póde separar-se d'elle, pela mesma razão por que a alma não póde separar-se do corpo. Se, pois, no Estado não houver paz nem segurança pessoal, nem respeito pelos direitos de cada um, nem subordinação ao imperante civil, o que ha-de fazer a Egreja? A sua vida religiosa não será só difficil, será impossivel em muitas das suas manifestações.

Assim o comprehendeu, e muito bem, o nosso gloriosissimo Pontifice, e pelo auxilio que desde o principio do seu feliz pontificado tem prestado aos governos temporaes, fazendo com que na França, na Hespanha, em Portugal e em toda a parte seja respeitada e obedecida a auctoridade do poder constituido, não só tem prestado grandissimo serviço á sociedade, como é bem sabido, mas tem conquistado dos governos, dos estadistas, dos sabios e dos politicos, respeitos, sympathias e bemquerenças que são hoje a sua força e a sua gloria.

Imitemos, pois, o grande Pontifice, respeitando e auxiliando o poder constituido em tudo o que não contrariar a fé e os direitos imprescriptiveis da Egreja, e não nos prendamos com as objecções de que não devemos acatar e auxiliar o poder publico de que têem vindo leis tão altamente offensivas da Egreja, como infelizmente é bem verdade; porque, além d'estas objecções estarem já muito bem respondidas em differentes encyclicas pontificias, a obediencia ao poder constituido não é só um dever desde que o Santo Padre assim o ordena, é tambem o meio mais salutar e proficuo para conseguirmos pelo menos a modificação d'essas leis.

E não se attribua este nosso modo de sentir a fraqueza e a subserviencias aos poderes temporaes. Contamos mais de quarenta annos de serviços á Egreja, e todos elles têem sido de lucta constante, para mantermos inquebrantaveis os seus direitos e a sua disciplina nas nossas mãos ainda que indignas. E se até agora ainda não nos deixámos vencer pelo medo nem por subserviencias de ordem nenhuma, não obstante as tempestades que sobre a nossa cabeça por muitas vezes se têem agglomerado, a nossa convicção e a nossa experiencia tambem nos dizem que o respeito ao poder constituido, e as attenções, delicadezas e deferencias para com os *ministros de Cezar*, até onde póde ser, longe de prejudicarem os *ministros de Deus*, antes facilitam em muitos casos o desempenho da sua missão divina. (2).

Tambem não devemos envaidecer-nos com o exito já tão feliz d'este brilhantissimo congresso, com tantas demonstrações publicas e solemnes da nossa fé, e com o movimento religioso que ha annos a esta parte se vae operando em o nosso paiz.

Se nos contentarmos só com isto, se não auxiliarmos efficazmente a propaganda catholica em todas as suas obras e manifestações, se não sahirmos d'uma certa indolencia que é tão nossa, perdoe-se-nos dizel-o aqui, pouco poderemos conseguir.

Quantas vezes o desanimo tem querido apoderar-se de nós, ao compararmos a actividade, os recursos e a diffusão da imprensa dos inimigos da Egreja com as difficuldades que encontramos sempre para uma propaganda mais activa e energica no campo catholico!

Assimilhando-se aos assustadiços bateleiros, cuja *modica fides* Jesus Christo reprehendeu, muitos catholicos, não só d'este ou d'aquelle partido mas de todos, não fazem senão lamentar com as notas mais plangentes os males da patria, e, sem serem capazes de fazer o menor sacrificio para os remediar, vão tornando contagioso o desanimo, a indifferença e a desesperança, que é a peior de todas as doenças religiosas e sociaes.

Mas perdoae nos, senhores, porque nós não temos direito de nos queixarmos de ninguem. Tende estas liberdades e franquezas do nosso ministerio unicamente como chammas do zelo que nos inflamma na causa que defendemos, que é a causa de nós todos, a causa da fé e da moral christã, e a causa da salvação das almas e da salvação da patria.

Deixemos, pois, o nosso lethargo e atonia, e trabalhemos todos e com todo o ardor por esta santa causa, e cada um com o que poder,—com a palavra, com a penna, com o exemplo e com todos os meios ao seu alcance.

Quando a nossa Augusta Soberana, combinando o seu officio de fazer bem, e os seus esplendores de Rainha nos annos mais formosos da vida com a modestia e humildade de mulher christã e piedosa, desce tão amiudadas vezes, nas primeiras e mais silenciosas horas do dia, os degraus do seu throno para incognitamente subir os das mansardas dos pobres, e para no seu dispensario ministrar remedios e alimentos por suas proprias mãos aos filhos dos operarios e dos indigentes, correndo sempre a levar a toda a parte, com as consolações da sua palavra e do seu rosto angelico, os obulos da sua caridade christã, parecendo que já para este fim se lhe convertem as rosas em dinheiro:

— Quando Sua Magestade a Rainha, a Senhora Dona Maria Pia, conquistou já o titulo de anjo da caridade pelas muitas obras d'ella que pratica, correndo tambem algumas por nossas mãos para a nossa Diocese, como tem acontecido egualmente com Sua Magestade a Rainha, a Senhora Dona Amelia:

— Quando a senhora duqueza de Palmella e muitas outras senhoras titulares e não titulares, mas todas nobres e distinctas pelas virtudes, se associam para fazerem essa propaganda do bem que ahi se vê activa, caridosa e fecunda, ora promovendo e custeando a piedade e o culto divino, ora auxiliando a vida dos operarios, ora azylando, educando e soccorrendo a infancia e a juventude nos seus desamparos, a orphandade nas suas tristezas, a velhice nas suas doenças e a pobreza e a miseria em todas as edades e em toda a parte se encontrem (3):

— Quando aqui mesmo na côrte

---

(1) Tambem o sr. dr. Pinto Coelho, depois de nós termos fallado, advogou a diffusão e desenvolvimento das ordens terceiras, que tambem são ordens ecclesiasticas e religiosas, como meio de combater pela religião de Christo contra a impiedade, e fel-o com tanta clareza, com tanta convicção, e tanta fé que, além de levar a persuasão do que dizia ao selecto auditorio que muito o applaudiu, conquistou ou antes affirmou os seus creditos de orador aprimorado e eloquente.

(2) Recebemos em Lisboa, vindas pelo correio, algumas queixas contra nós por querermos o existente. Nem queremos o existente, nem queremos o passado, nem queremos o futuro. Queremos unicamente o que manda a doutrina da Egreja, e o seu chefe supremo. E se Jesus Christo mandou obedecer a Cezar, que é todo o governo d'um paiz qualquer que seja a sua fórma, quando Cezar era Tiberio; e se, quando o grande Apostolo pedia que toda a alma estivesse submettida aos poderes superiores, Cezar era Nero, como disse o em.mo sr. cardeal arcebispo de Bordeus, como podemos nós hoje deixar de respeitar e de obedecer ao poder constituido, que longe de ser Nero ou Tiberio, ou de querer perseguir a Egreja ou os seus ministros, muito pelo contrario vae considerando e attendendo áquella e estes, se não tanto como devia ser, e todos desejamos, ao menos como as circumstancias o vão permittindo?

Nas aspirações, porém, de muitos para n'este ponto chegarmos ao optimo, pretende-se que derrubemos todo o existente a fim de que depois, no que vier, seja de todo desafogada e feliz a vida da religião e da Egreja; mas, além d'um dos vultos mais respeitaveis do partido que isto pretende, e que mais honra e gloria lhe deu com o seu talento e honestidade, e com a sua fé e energia, ter declarado em publico e em particular que podia governar religiosamente o paiz dentro da Carta Constitucional, no tempo que levaria a substituir a actual fórma de governo por outra, que ninguem póde prever como seria, podiamos nós morrer todos e deixar morrer os interesses da Egreja se os abandonassemos á espera do imprevisto. Mas não são necessarias estas considerações. O Santo Padre Leão XIII, que é o nosso chefe supremo e o vigario de Christo na terra, tem ordenado em muitas encyclicas para os outros paizes, e em especial tambem para o nosso, que procuremos o bem da religião dentro do poder constituido. São bem expressos e terminantes os seus ensinos e mandados sobre este ponto, e tão terminantes que, para ninguem pôr duvidas no seu cumprimento, previne e destroe todas as que podessem levantar-se a tal respeito.

Em tudo, pois, o que dissémos não fizémos senão conformar-nos com estes ensinos e mandados, e pedir como é dever do bispo catholico, que elles sejam acatados por todos.

Todavia sentimos muito que as nossas palavras, embora sem razão, tenham maguado alguem, porque o nosso desejo é de que ellas sejam sempre de paz, de justiça e de conciliação para todos.

E, se o Santo Padre entender que as devemos rectificar, promptamente o faremos e publicamente, porque o nosso fim não é agradar ou desagradar a ninguem, mas obedecer ao Papa, e ser justo em tudo e para todos.

(3) O sr. dr. Mendes Lages, no excellente discurso que fez depois de nós, sobre a questão operaria, e que tão applaudido foi pelas verdades que proferiu com tanta clareza, sciencia e elevação, e pelos sentimentos religiosos e patrioticos que revelou, alludiu ás grandes obras de caridade que está praticando a senhora condessa de Camaride, fundando e sustentando á sua custa collegios de educação em Lisboa e fóra de Lisboa.

Permitta-se-nos que demos aqui tambem testemunho do nosso respeito e admiração por tanto bem que faz esta illustre fidalga, gastando todos os rendimentos da sua grande casa em obras de amor de Deus e do amor do proximo.

Henrique Perez Escrich e Francisco de P. Entraal

MAGDALENA

DECIMA 2.ª PARTE

ARREPENDIMENTO

V

Sonhos de morte

Vimos a completa mudança que o proceder de Magdalena tinha operado no caracter de Julião. Desde o dia do seu arrependimento, o seu systema de vida no seio da familia era o mesmo que mostrára na casual entrevista que tivera com Luiz Torrelamar. Passava os dias em casa, porque só no lar paterno achava a felicidade e o repouso de que até então carecera. Trabalhava de manhã ao lado de seu pae, interessava-se nos negocios, cuidava de tudo, mostrava-se satisfeito, e durante as tréguas do trabalho não tinha mais prazer que o de dispensar a sua mãe toda a casta de cuidados e caricias.

Martha, cuidava enlouquecer, porque nunca se sentira tão feliz. Todavia, um presentimento pavoroso parecia pertubar-lhe o socego. Julião vivia alegre, tranquillo, e pensava no futuro com enthusiasmo. Mas Julião estava macillento, pallido, fraco; a tosse, aquella tosse que sempre tinha sido prenuncio infallivel de uma doença mortal, atormentava-o de continuo.

— Ah! meu Deus! dizia muitas vezes Martha fallando com seu marido, que desgraça seria a nossa se vissemos nosso filho doente ou desgostoso, agora que começamos, por assim dizer, a gosar do seu carinho! Se viras como está contente! Quando se senta a meu lado durante a noite, ou sahimos juntos a passear pelos sitios mais retirados e tranquillos, falla-me de ti, diz-me e repete com lagrimas de jubilo que o amor dos paes é o unico amor verdadeiro na terra, e sorri-me pensando no futuro e nos seus projectos: «Verá depois, minha mãe, diz-me elle: quando meu pae deixar completamente arranjados os seus negocios e acabe de instruir-me no regimen que se observa, substituil-o-hei no trabalho, porque eu sou novo e posso mais do que elle.. Não quero que se incommode, que se canse, mas que me encarregue de todos os negocios da casa. Oh! se eu tivera comprehendido sempre a felicidade que a honradez nos proporciona, e o repouso que o cumprimento dos deveres dá á consciencia, nunca teria sido o que fui. Que lucra o homem em correr após gosos illusorios e mentidos prazeres, se por fim todos se desvanecem como o fumo? Para que hei de dissipar os meus rendimentos, que bem distribuidos podem fazer-nos tão felizes, ou buscar amores que só o ouro alcança, quando tenho o seu, minha mãe?» Isto me dizia elle, Bruno; e comtudo, quando o ouço tossir, quando lhe vejo as faces pallidas e lhe escuto a voz muitas vezes enrouquecida e fraca, sinto despedaçar-se-me o coração!...

— Isso não ha de ser nada, dizia Bruno.

E Martha calava-se para não annuviar com as suas suspeitas a ventura d'aquelle excellente pae. A verdade é que Julião estava tisico. Isto mesmo o fazia sonhar, amar como nunca a existencia, forjar risonhas illusões, acariciar realisaveis esperanças e vêr tudo por um prisma encantador. Julião queria viver para ser bom, para ser honrado, para fazer tudo que podesse assegurar a ventura de seus paes. A tisica é a mais terrivel e traidora de todas as doenças. Aquella continua febre vem acompanhada quasi sempre de illusões sem conto e de sonhos de ouro. Nunca se ama tanto a vida como quando a morte se approxima; e as victimas d'esse sopro devastador que tudo consomme, agonisam sorrindo e morrem sonhando. Julião temia perder o amor de seus paes e o repouso do lar domestico. A sua rehabilitação proporcionara-lhe novo gozos; mas quando se recordava de Anna, a quem ainda amava com toda a vehemencia da sua alma, apezar de apparente indifferença, ficava triste e necessitava de um esforço extraordinario para voltar aos seus deveres. Julião, Martha e o tio Bruno conversavam amigavelmente em redor de uma mesa. A's nove ou nove e meia soou a campainha; e pouco depois appareceu a criada annunciando Magdalena. Julião estremeceu e quiz levantar-se para correr ao encontro da sua protectora; mas um accesso de tosse secca enervou-lhe as forças, obrigando Martha a dizer-lhe:

— Deixa-te estar, meu filho; eu te desculparei.

E foi receber Magdalena, acompanhada do tio Bruno.

— São uns ingratos, disse Magdalena, apertando-lhe a mão.

— Oh! tem muita rasão, concordou Martha.

E cheia de regosijo, conduziu Magdalena ao gabinete. Julião, de pé junto da mesa, á qual se apoiava com ambas as mãos, contemplava-a radiante de alegria. Magdalena não o vira desde o dia em que elle se auzentára com seus paes da casa de Lourença; por isso, quando olhou para elle, sentiu grande surpreza, por ser grande a mudança que lhe notava no rosto. O pobre moço tivera sempre uma constituição debil, um tanto prediposta para a enfermidade que padecia; mas n'esta occasião estava livido, macillento, mais corcovado; tinha muito pronunciadas as rozetas das faces, e em redor dos olhos, cujo brilho se tornára opaco e melancolico, desenhava-se um circulo roxo.

— Como está, Julião? perguntou Magdalena apertando-lhe a mão cariciosamente.

—Bem, muito bem, respondeu elle.

E tossiu ao mesmo tempo, manchando de sangue o lenço que tinha levado á boca. Em seguida deixou-se cahir com negligencia na cadeira.

—Está mais magro e mais pallido, disse Magdalena.

— Estou o mesmo que sempre fui; e quasi me atreveria a affirmar que me sinto melhor que nunca, talvez em resultado da paz que desfructo e da tranquilidade que me rodeia. A senhora foi o meu anjo bom, e devém-lhe meus paes a alegria que o meu amor lhes produz. Receiosos sem duvida de perdel-o, como eu temeria perder o Céu, cuidam ver na minha doença gravissimos perigos. A verdade é que nunca me senti melhor. Sou tão feliz! é tão agradavel passar a vida ao lado de paes carinhosos, que nos sorriem a todas as horas! Nem eu sei como pude trocar em tempo estes encantos por falsos gosos. Mas ha dois mezes que nada sei do mundo, e aqui me tem chorando as minhas culpas anteriores, filhas sómente da inexperiencia, e feito um homem de bem em toda a extensão da palavra. Já não aspiro a outra coisa que não seja passar a vida ao lado d'estes pobres velhos, a quem procurarei tornar menos triste a velhice com o meu trabalho e o meu amor. Graças a Deus, sinto-me forte e animoso; não creio que tenha a desdita de morrer nos melhores annos da minha vida, privando-os do bem que tanto presam.

— Oh! minha senhora! Antes Deus me tire a vida que eu tenha de presenciar a morte de meu filho! disse Martha.

— Não tenha cuidado, minha mãe, a minha doença passará em breve, e se assim não succedesse eu tomaria a liberdade de causar-lhe algumas despezas, fazendo que partissemos juntos para a Italia, França ou Suissa, onde quer que eu podesse respârar ares mais puros. Mas não é necessario, D. Magdalena, não é verdade? Eu não estou magro, e pallido como os que padecem do peito, e esta tósse não apresenta symptoma algum que possa fazer-nos temer um ataque de tisica repentino. E' verdade que ás vezes escarro sangue; mas será da garganta ou do estomago, porque me sinto bom.

Conhecendo que dizer o fim da sua visita daria motivo para aggravar-se o estado de Julião, visto que elle nada sabia a respeito de Anna, Magdalena limitou-se a responder ás ultimas phrases do filho de Bruno.

— Sem duvida alguma; mas nada perderia em ser observado por um medico bem conceituado; comvem tratar as doenças logo no principio.

— Mas se não sinto nada...

— D. Magdalena diz bem; estimaria que te vissem, porque d'esse modo conseguiria que não trabalhasses como trabalhas, meu filho. Entre o excesso e a ociosidade ha um meio termo.

— Ora! não pense d'esse modo, minha mãe. Eu não me canço, não tenho fadigas, e estou melhor que nunca. Mas fallemos de outra coisa. Como está o senhor Simão Paschoal?

— Dedicado aos seus inquilinos como sempre.

— E Paulo, e André e...

Julião conteve-se e inclinou a barba para o peito. Lembrava-se talvez n'este momento de Anna, a quem não tinha tornado a vêr.

—Diga-lhe que desejo muito vêl-o.

— Elle não sabia que eu vinha cá, porque sómente lhe disse que ia ao hospital.

— Exercer alguma obra piedosa? perguntou Bruno.

— Visitar Cabrerizo.

— E como está elle? perguntou Martha, não querendo accrescentar uma palavra mais, para não recordar tristes recordações.

Julião procurou um pretexto para sahir do gabinete, e Magdalena assim que se viu só com os dois velhos respondeu:

— Cabrerizo expirou ha pouco nos meus braços.

— Infeliz! exclamou Martha.

Bruno, ao saber a desgraçada morte do salvador de seu filho, mostrou grande tristeza, dizendo depois:

— Desejava fazer as despezas do enterro d'esse desgraçado.

— Muito me peza não annuir aos seus desejos; mas outra pessoa se encarregou já d'essa despeza.

— N'esse caso, mandarei dizer missas por sua alma, e peço á senhora o favor de declarar-me a hora e o sitio em que ha de verificar-se o funeral.

— Mandar-lhe-hei aviso.

Pouco depois, Magdalena despediu-se de Bruno e de Martha, promettendo ir visital-os com frequencia, e declarando-lhes que no dia seguinte Mendoza iria ver Julião.

— Infeliz rapaz! pensava Magdalena no momento de sahir. Tem a morte proxima e nem sequer o suspeita.

(Continua.)

tantos mancebos, cedendo mais aos dictames da sua fé, da sua consciencia e do seu patriotismo do que ás naturaes inclinações dos seus verdes annos para tantos divertimentos que os rodeiam, estão formando associações catholicas para auxiliarem esta santa propaganda de religião e de boa politica, e para se opporem á audacia com que hoje se ataca tudo o que faz o fundamento do christianismo, da moral e da justiça, procedendo n'esta sua boa obra com o zelo o vigor que revelou aqui por entre tantos applausos o seu digno presidente, o sr. D. Thomaz de Almeida, com a sua palavra fluente e inflammada e com os seus rasgos oratorios tão energicos!

— Quando Sua Magestade El-Rei e Sua Magestade a Rainha favorecem e auxiliam as demonstrações religiosas d'este centenario, honrando assim as tradições nobilissimas da sua Corôa (1):

— Quando o seu Governo protege e auxilia tambem e tão efficazmente o mesmo centenario, vindo até o sr. ministro e secretario d'Estado das Obras Publicas honrar a abertura de este congresso com a sua presença:

— Quando o illustre senado de Lisboa toma tanto a peito levantar a honra e a gloria da patria na commemoração do sabio e santo portuguez, que no seu tempo mais a sublimou com a sua fé e com a sua sciencia e com a sua humildade, chegando até a pedir ás camaras municipaes do reino que venham tomar parte e assistir ao renascimento, que tudo isto indica, das crenças religiosas e moraes que tornaram outr'ora o nosso Portugal tão respeitado em todo o mundo:

— Quando, movidos unicamente pelos interesses da religião e da sociedade, vêm de tão longe a este congresso com tontos incommodos e sacrificios illustres prelados e sabios congressistas extrangeiros, para nos auxiliarem tambem em Portugal na causa que defendemos:

— Quando, finalmente, vem de toda a Europa e de fóra d'ella tantas felicitações e adhesões ao nosso congresso de muitas summidades scientificas e de numerosissimas corporações de milhares e milhares de catholicos,— quem haverá ahi que, sendo catholico e amigo da sua patria, se conserve indifferente, desanimado e egoista perante estes exemplos e dedicações? Quem haverá que se recuse a associar-se a tantos esforços para não sermos vencidos pelo mal, mas antes para triumpharmos do mal por meio do bem, como outr'ora recommendava S. Paulo aos seus valentes companheiros d'armas?

Todos reconhecem hoje que a força do vapor, dispensando e barateando o trabalho manual, por um lado, e que o preço mais alto das subsistencias, por outro, estão produzindo um grande desequilibro social, e collocando os operarios em triste e dolorosa situação. Vamos, quanto for justo e quanto nos for possivel, em auxilio d'estes nossos irmãos, estendamos-lhes a mão, amparemol-os e ajudemol-os para que os não desvairem as más doutrinas, as especulações politicas e as difficuldades e soffrimentos da sua vida, e com as nossas boas obras e bons exemplos, e tambem com a nossa força em favor d'elles, procuremos levar a caridade ao capital e a resignação ao trabalho, para que se converta em realidade o socialismo christão, como o quer e ensina o nosso Santissimo padre, e como principiam já a praticar-o especialmente as senhoras de Lisboa, porque ou elle salva a sociedade ou esta se afunda e escalavra em horrorosos cataclysmos. E ninguem póde duvidar d'isto em vista do que expoz aqui no seu primoroso discurso o sr. conselheiro Jeronymo Pimentel, com o seu talento e eloquencia e com os seus sentimentos de catholico e amigo do seu paiz, que lhe merecem principalmente do Episcopado portuguez, como podemos dizer, o maior reconhecimento e veneração.

N'este memoravel Congresso catholico vemos nós, além d'outras vantagens, um grande passo dado n'este caminho pelas muitas verdades e doutrinas que n'este sentido aqui têem affirmado oradores de muito valor e auctoridade, e pelo applauso que ellas tem encontrado em uma assembléa tão illustrada e por todos os titulos respeitobilissima.

Em.^{mo} sr. Cardeal Patriarcha: v. em.ª que á custa de tanto zelo e dedicação poude organizar este Congresso, vencendo não poucas difficuldades, pelo que muito felicitamos v. em.ª em nosso nome, e parece-nos poder dizer em nome de nós todos, permitta-nos que, em nome tambem dos mais caros interesses da religião e da nossa querida patria, suppliquemos a v. em.ª que, na qualidade de primeiro prelado da egreja Portugueza, empregue a sua auctoridade e os seus esforços para que se celebrem congressos catholicos nas capitaes de todas as dioceses, em que fôr possivel; porque são estes, ao que nos parece, os meios praticos e efficazes para levantar o espirito religioso no paiz, e para ir acabando com a divisão dos catholicos portuguezes, que infelizmente tanto nos prejudica.

Permitti-nos, senhores, apenas duas palavras mais sobre este ultimo ponto, e são ellas d'um illustre e prelado de Hespanha.

Se, na defeza d'uma grande praça forte cercada de inimigos por toda a parte, os officiaes e soldados, em vez de obedecerem ao general que a defende, tomarem cada um para o seu lado, occupando ou deixando de occupar o posto que melhor lhes pareça, ou se, no mais acceso da peleja, deixarem de combater o inimigo para se combaterem uns aos outros, formando partidos, travando disputas e perturbando e indisciplinando o exercito, será impossivel defender a praça, e deixar de lamentar os officiaes que assim procederem.

Não diremos mais nada, senhores. Pedimos só que nos desculpemos e perdoemos uns aos outros no que sob este ponto tivermos feito no passado, e que para o futuro nos unamos e auxiliemos todos na defeza da causa da Egreja. Fiquem sepultadas aqui dentro todas as divergencias e disputas que nos prejudicam e enfraquecem, e em tudo e por tudo obedeçamos ao nosso general, o Santissimo padre Leão XIII, para que na grande praça forte da religião e fé portugueza, que é o nosso refugio no presente e a nossa esperança no futuro, tremule sempre desfraldada a todos os ventos, e sempre victoriosa e ovante, a bandeira da Cruz e a bandeira das Quinas.

PELO ESTRANGEIRO

O duque e a duqueza de Aosta em Italia.—Eis como o correspondente de Roma para o *Figaro* descreve a passagem dos duques de Aosta pelas ruas da Cidade Eterna, no dia da sua chegada, em direcção ao Quirinal.

«As tropas difficilmente podiam conter a multidão anciosa por contemplar a nova princeza italiana, de cuja belleza tanto se fallara. De repente um movimento se produziu no povo, e um fremito de anciedade e alegria agitar toda a multidão desde a gare até ao palacio real. Ouviam se vozes de: «Eil-os! Eil-os! Ahi veem!»

Com effeito assim era. Abriam a marcha os couraceiros com as suas couraças de prata, e seguiam o coche, tirado por seis cavallos ajaezados de branco, no qual tomavam logar o duque e a duqueza de Aosta. O duque vestia o uniforme de coronel de artilheria e a duqueza uma encantadora toilette branca coberta de rendas. Agitam-se os chapeus e os lenços; rompem os applausos. Os *hurrahs*, as acclamações rebentam de todos os lados, nas ruas e nas janellas. A princeza Helena, muito commovida, sauda o povo inclinando graciosamente a cabeça. O duque de Aosta vae radiante. O enthusiasmo augmenta. As tropas não podem conter a multidão, que rompe as filas formadas pelos soldados. A carruagem real é cercada pelo povo que dá livre curso ao seu ardor meridional, acompanhando os jovens esposos e dando os mais calorosos e enthusiasticos vivas. Foi um delirio. A população romana quiz tomar parte n'aquella festa da familia real para lhe provar quanto a ama. A belleza e o encanto singulares da princeza Helena captivaram-n'a.»

O rei Humberto, quebrando os preceitos da etiqueta, desceu a escada do palacio e veiu receber seus sobrinhos á porta, abraçando-os com ternura. Offerecendo o braço á princeza Helena, o monarcha disse-lhe:

— Sinto-me feliz por ver vossa alteza entrar em minha casa. Sois bem vinda e vindes contribuir para a felicidade da minha familia. E muito agradavel me é reconhecer que o acolhimento cordeal feito por nós a vossa alteza foi correspondido pelo meu povo. Depois de apresentada á rainha Margarida, que a beijou com effusão, a princeza recebeu os cumprimentos da côrte. Entretanto o povo, agglomerado na praça do Quirinal, pedia que a duqueza de Aosta chegasse á janella. Foi preciso ceder ás instancias populares. Por isso a rainha, dando a mão á princeza Helena, appareceu com ella na varanda. A ovação foi extraordinaria. A joven desposada chorava de commovida. Depois do almoço os principes sahiram de carruagem, sendo, novamente, muito victoriados.

—Dizem de Roma:

Todos os jornaes dedicam artigos laudatorios ao duque e duqueza de Aosta. No dia 6, os dous esposos foram á *villa* Borghese, sendo respeitosamente saudados pela multidão. A princeza Helena telegraphou á mãe, dizendo-lhe que recebera na Italia o mais caloroso acolhimento.

O rei Humberto e o duque de Orleans.—O rei de Italia enviou ao sr. duque de Orleans, irmão da sua nova sobrinha, o seguinte telegramma:

> A duqueza de Aosta acaba de chegar de boa saude. Acolheu-a o nosso terno affecto e a respeitosa sympathia do meu povo. Apresso-me a dar esta informação a vossa alteza real, que partilhará da nossa alegria. —*Humberto.*

O sr. duque de Orleans respondeu com o seguinte telegramma ao soberano de Italia:

> Profundamente reconhecido pela affectuosa lembrança de vossa magestade, agradeço cordealmente o seu telegramma e junto os meus votos aos de vossa magestade pela felicidade do duque e da duqueza de Aosta, garantida pelo affecto de vossa magestade. —*Philippe.*

A attitude do sr. Ribot.—Transcrevemos do *Figaro*:

«A princeza franceza, a duqueza de Aosta, foi recebida triumphalmente em Roma. Prestaram-se-lhe honras excepcionaes. O sr. Crispi tratou-a como rainha. Feriado nas repartições publicas, mobilisação das sociedades patrioticas, que são, em Italia, o exercito do enthusiasmo, exhibição de bandeiras, mesmo francezas: nada faltou em honra da *bienvenue*.

Somos d'aquelles que não morrem de amores pelo sr. Crispi. Mas não se pode deixar de reconhecer que elle acaba de dar, ao nosso mundo official, uma lição de delicadeza e de politica, que bem merece ser aproveitada. Temos a fortuna de ver uma franceza tomar o primeiro logar, depois da rainha, na côrte de Italia. Depois do principe de Napoles, cuja saude é tão delicada que elle nem mesmo pensa em casar-se, o duque de Aosta é o herdeiro presumptivo do throno. Sua esposa pode vir a ser rainha. Ora o nosso mundo official, hypnotisado pelo medo que lhe inspiram as catilinarias dos jornalistas radicaes, não só não se lembrou de fazer cumprimentar a joven desposada por um embaixador, mas fingiu ignorar a celebração d'um casamento que interessa em primeiro logar a França e os francezes. Se o sr. Ribot não fosse só um obediente servidor dos radicaes, teria pedido ao sr. de Aosta e á sua joven esposa, que escolhesse o caminho de França, o mais curto, para ir a Roma; teria posto á sua disposição, desde Calais a Modena, um comboyo de luxo especial, e os homens bem educados de todo o mundo, louvariam a sua cortezia. Quanto aos que o não são, o que valem quando se trata de politica internacional? Além de que essa amabilidade teria sido um acto de boa politica, que nenhuma maioria parlamentar, por muito baixa ou aviltada que fosse, poderia reprovar.»

O *Figaro* termina com um ataque mais violento ao sr. Ribot. Outros jornaes francezes censuram tambem a falta de delicadeza do governo para com a princeza Helena e chamam descortez ao presidente do conselho.

As viagens da rainha de Inglaterra. — Um jornal inglez faz uma descripção curiosa das viagens da rainha de Inglaterra pelo caminho de ferro. Quando a rainha tem que fazer alguma viagem, participa-se isto á administração competente. Esta redige um programma circumstanciado e informa todos os chefes de estação da hora em que a rainha deve passar. Os chefes de estação devem a seu turno prevenir todos os postos de signaes e certificarem-se de que todos cumprem as instrucções dadas. O horario é tão minuciosamente regulamentado, que nada deve oppôr-se á marcha do comboyo régio, nem demorar os dos passageiros. No dia em que se verifica a viagem, a linha é guardada por um cordão de homens com bandeirolas e collocados á vista uns dos outros. Quando avistam o comboyo régio, precedido de uma locomotiva-piloto, todos devem fazer signal de que a via está perfeitamente livre. Emfim tomam-se todas as precauções para que não succeda nenhum accidente. Os proprios *rails* são examinados com todo o cuidado.

Os carlistas. — Dizem as folhas de Madrid, que os partidarios do eterno pretendente ao throno hespanhol estão resolvidos a activar os seus trabalhos de propaganda e organisação, a fim de apresentarem candidatos nas proximas eleições geraes, por todos os districtos onde contam com elementos sufficientes para isso.

Brazileiros e francezes.—O governo francez chamou á metropole o governador de Guyana, Chervein, por ter motivado a expedição e as tristes occorrencias do Amapá, sem auctorisação do respectivo ministro das colonias. Para substituir foi nomeado Lamothe, governador do Senegal. Parece que os governos brazileiro e francez estão de accordo para fazer resolver pela arbitragem a secular questão do territorio contestado da Guyana.

Como se rouba em Paris.—Um empregado do Comptoir d'Escompte, em Paris, apresentou-se n'um d'estes dias nos escriptorios do Crédit Lyonnais, tomando logar junto ao *guichet* de acceitação e collocando junto de si uma carteira contendo 20.000 francos em notas de banco e outros papeis de valor, sommando ao todo 40.000 francos. E, com receio de que lhe roubassem a carteira, appoiou sobre ella o cotovello, esperando a sua vez. N'isto chegou um outro individuo que tomou logar junto áquelle e collocou tambem proximo ao *guichet* uma carteira em tudo semelhante á do primeiro.

E de repente, o recemchegado disse para aquelle:

— Olhe que lhe cahiu uma nota de 50 francos.

O empregado do Comptoir d'Escompte olhou para o chão, viu a nota alludida e baixando-se, apanhou-a e entregou-a ao empregado que estava ao *guichet*, visto aquella não lhe pertencer. N'este entrementes, porém, o recemchegado desapparecera e levara comsigo a carteira do empregado do Comptoir d'Escompte, deixando ficar a sua, que apenas continha um velho jornal dobrado. Debalde o roubado correu em perseguição do gatuno: não mais o tornou a vêr. E no dia seguinte, como dentro da sua carteira tinha bilhetes de visita, recebeu em casa, pelo correio, aquella com todo o seu contheudo, excepto os 29.000 francos em notas, que o gatuno guardou para si.

Os dramas do mar.—Ha tempos noticiámos aqui o naufragio do vapor hespanhol *D. Pedro*, que foi a pique nos baixos do cabo Corrubedo, perecendo a maior parte das pessoas que iam a bordo, das quaes poderam ser salvas 26.

Como se deu, porém, esse salvamento é que os jornaes não disséram, sabendo-se agora que foi devido á extraordinaria abnegação e valor de cinco pescadores, entre elles um rapazito, que tripulavam um barco de pesca.

A tarefa foi rude e angustiosa, mas ao cabo de duas horas, os marinheiros tinham conseguido recolher a bordo do seu barco os 26 naufragos. No seu afan de recolher as pobres victimas d'aquella catastrophe, salvaram tambem um cão que nadava ao lado d'um cadaver de mulher e que se obstinava em não abandonar a que fôra sua dona.

Os denodados pescadores, depois de reconhecerem escrupulosamente toda a extensão do oceano e convencidos de que não havia mais vidas a salvar, tomaram o rumo do Villagarcia, onde chegaram ás 9 horas da manhã do dia seguinte.

A revolução no Equador.—Um telegramma de Nova-York diz terem sido inuteis os exforços empregados pelo general D. Eloy Alfaro para terminar quanto antes a lucta entre os revolucionarios e o governo da republica do Equador.

O correspondente do *New-York Herald* em Guayaquil diz que a commissão enviada por aquelle general, como chefe do governo provisorio, regressou ao quartel general dos insurrectos, porque o governo de Quito se negou a recebel-a. Por esse motivo, o general Alfaro está organisando um corpo de 6:000 homens, que marcharão em breve sobre a capital para obrigar o governo a submetter-se.

Os incendios nos theatros.—O professor francez Brouardel publicou um estudo magistral, dizem os jornaes francezes, sobre os incendios nos theatros. N'este estudo affirma o eminente decano da Faculdade de Medicina, de Pariz, que durante 135 annos, isto é, de 1751 a 1885, houve em todo o mundo 730 incendios em theatros, occasionando a morte de 6:573 pessoas. Os sinistros mais mortiferos foram os dos theatros de Capo-d'Istria, 1:000 mortos; Philadelphia, 97; S. Petersburgo, 800; Cantão, 1:670; Quebec, 200; Vienna, 450, etc. No mesmo estudo, o dr. Brouardel calcula a existencia de um theatro na Europa em 22 annos e nos Estados-Unidos em 10 annos apenas.

O Vesuvio.—Abriu-se uma nova cratera no Vesuvio, d'onde sahe consideravel torrente de lava, que se espalha pela encosta do monte, não havendo por emquanto perigo para os lugares habitados. Durante a noute, o espectaculo torna-se imponente. A nova e as antigas crateras vomitam fumo, fogo e massas incandescentes que cahem com ruido metallico sobre as lavas já arrefecidas. São numerosos os curiosos que assistem e tratam de vêr tão maravilhoso espectaculo. Em Napoles, os caes de Santa Lucia e da Marinha estão cobertos de gente. O director do Observatorio do Vesuvio annunciára a actual erupção como consequencia forçada dos ultimos phenomenos telluricos, operando o vulcão como uma gigantesca valvula de segurança».

Adopção do systema metrico em Inglaterra. — A commissão da camara dos communs encarregada de investigar se havia meio de modificar o systema dos pesos e medidas actualmente em uso na Grã-Bretanha, já publicou o relatorio. Conclue pela adopção do systema metrico, o qual facilitaria as relações commerciaes da Inglaterra com todas as nações da Europa, excepto a Russia. Esta adopção poder-se-ha realisar dadas as seguintes condições:

1.ª O systema metrico dos pesos e medidas será reconhecido legal para todos os usos.

2.ª Decorridos dois annos será obrigatorio, em virtude do decreto do parlamento.

3.ª Será ensinado nas escolas elementares publicas, como uma parte integrante necessaria da arithmetica, do mesmo modo que os decimaes.

Varias noticias. — Os jornaes publicaram ha dias a noticia de um pae, lá para Metz, ter crucificado um filho. O *Correio de Metz* desmente com vigor tal facto.

— Morreu em Bruxellas o celebre mestre d'armas Alberto Fierlants, presidente do Club d'Esgrima.

— Ardeu parte do hotel Metropole, de Genebra. São enormes os prejuizos. Ficou ferido um bombeiro.

— Affirmam da Russia, por certo para socegar a Italia, que a embaixada abexim, actualmente em Petersburgo, tem por fim uma missão religiosa, para a união ou pelo menos cordealidade das duas egrejas, abexim e russa.

— Os jornaes moscovitas consideram a conclusão do emprestimo chino-russo como uma brilhante victoria que deve firmar e garantir a posição da Russia no extremo oriente e realçar alli o seu prestigio.

— Um livro para os ciclystas é o que acaba de publicar em Pariz a casa Flamarion sob o titulo *Miss Recordinett*, aventuras ciclystas, por Michaud d'Humiac. Custa 3 fr. e 50.

— Suicidou-se, em Paris, por se ver a braços com a miseria, a medica Mme. Ida de Ribesco-Ravenstein.

— Um guarda da Ordem Publica, de Madrid, homem pobrissimo, de nome Miguel Gonzalez Garcia, acaba de receber uma herança de 175:000 duros.

— Na Allemanha tem feito um calor excessivo, dando origem a incendios por combustão espontanea. Na Silezia tem ardido muitas propriedades e na Westfalia foi porém consumida pelas chammas uma aldeia inteira, morrendo muitas pessoas.

— Na communa franceza de Nérolle foram encontradas n'uma saibreira duas enormes defezas de mastodonte, medindo 3m,10 de comprimento e 0m,60 de circumferencia na parte mais grossa. Com estas defezas encontraram-se tambem alguns dentes enormes.

— Diz-se que o khediva do Egypto decidiu partir definitivamente no dia 15 de julho para Constantinopla, visitando em seguida as ilhas do mar Egeu.

— Segundo uma estatistica official, as importações na Inglaterra durante o mez de junho elevaram-se a 33.884:584 libras sterlinas, menos 345:095 libras que em igual periodo do anno anterior.

SECÇAO AGRICOLA

As vides, como é sabido, tiveram este anno uma nascença espantosa, apenas prejudicada até agora pelo desavinho e por um ou outro ataque local da *Cochylis* e da *Altica*, visto ter passado o mez de junho sem que o terrivel *Mildiu* fizesse sentir os seus estragos temerosos. O geral dos lavradores que não acreditam nos tratamentos cupricos, e que portanto, não tinham applicado preventivamente a calda bordeleza, esfregavam as mãos de contentes, rindo ironicamente dos que gastaram o seu dinheiro com pulverisadores e com os liquidos cupricos, quando, instantaneamente, com os primeiros nevoeiros de julho, não só as videiras começaram a ser flageladas pelo *Mildiu*, mas tambem os *Rots* surgiram implacavelmente fazendo um destroço espantoso nos cachos, aniquillando por completo vinhas inteiras quasi se póde dizer no curto espaço de horas. E' triste vêr-se perder uma tão promettedora colheita pelo desmasello, incuria e ignorancia da maioria dos nossos lavradores, que ou não teem fé nos preparados de cobre, ou estão convencidos de que as uvas tratadas pela calda bordeleza dão um vinho venenoso, o que é um erro crassissimo. Nem uvas nem vinho fazem mal algum a quem d'ellas se utilisa, dando-se antes o caso do vinho fabricado de uvas mildiosadas ser prejudicial e estragar-se rapido. Não é mesmo o sulfato de cobre que torna o tecido das folhas invulneravel aos ataques do *Mildiu* e destroe o cogumello, como muita gente cuida, mas sim este mesmo sulfato transformado em hydrato de bioxido de cobre pelo contacto da cal e da agua. O sulfato no estado de hydrato de bioxido de cobre é quasi inoffensivo, podendo ser applicado sem receio. Os *Rots* que agora estão causando tantos prejuizos, combatem-se por meio de pulvilhações de Sulfosteatite ou pulverisações de calda *directamente applicadas aos cachos.* A Sulfosteatite, de mais facil applicação, é, porém, mais cara, pelo que os nossos lavradores preferem a calda; para que esta fique no cacho, é conveniente que a pulverisação seja muito fina e pouco demorada, afim de não fazer gotas, escorrendo do cacho e cahindo no sólo. Na proxima revista diremos o meio de se preparar a Sulfosteatite que cada lavrador póde, como á calda, fabricar em sua casa, visto a materia prima, a steatite, existir em abundancia entre nós.

Eduardo Sequeira.

SECÇAO LITTERARIA

O MONGE E A TRINDADE

(LENDA)

(Reproducção)

I

Do povoado bem longe,
n'uma gruta á beira-mar,
vivia um austero monge
quasi sempre a jejuar.
Tinha só por companheiras
uma cruz, duas caveiras,
e passava horas inteiras
no Senhor a meditar!

De todo o mundo esquecido,
aspirando á salvação,
junto ao mar embravecido
do céo fitava a amplidão!
—A's vezes na pobre gruta,
aberta na rocha bruta,
das paixões fugindo á lucta,
a Deus fazia oração!—

II

Uma tarde... eram serenas
as ondas d'aquelle mar,
que a viração vinha apenas
muito de manso beijar,
elle, que em Deus se extazia,
pôz na sua phantasia,
que por força poderia
um mysterio penetrar!

O mysterio da Trindade
desejava comprehender,
sem que n'aquella verdade
elle deixasse de crêr!
—Cuida tel-o comprehendido,
porém chora commovido
e sente-se arrependido
do que deseja saber!

Esquecer-se procurava
do mysterio, mas em vão;
porque de novo o assaltava
uma extranha tentação!
—Elle que desde creança,
não tivera essa lembrança,
agora já não descança
na sua tribulação!—

III

Pára! E uma creancinha
viu sorrindo-se a brincar;
e na areia uma covinha
viu, que ella estava a formar.
—E o monge com passo incerto,
caminhou. Viu-a de perto,
extranhando um tal deserto
um tal vivente encontrar!—

E a creança era formosa,
qual poetica visão!
Tinha as faces côr de rosa;
nos olhos, terna expressão!
Tinha os membros delicados.
Tinha os cabellos dourados
e, nos labios engraçados,
a celeste animação!

E começa a creancinha
algumas gotas do mar
em transparente conchinha
para a covinha a levar.
E, agitando a mão de neve,
dizia: «O mar todo em breve
com esta conchinha leve
n'esta cova hei-de encerrar.»

E o monge muito sereno
lhe diz: «Pretendes em vão
n'esse logar tão pequeno
metter do mar a amplidão?
Como é que tal concebeste?...
Pois logo não conheceste,
sem loucura o que entendeste?
—Responde a creança: «Não!

Não! Seria mais possivel
aqui metter todo o mar,
do que ser-te comprehensivel
o que pretendes sondar!
Isso em ti é que é loucura,
pois, á humana creatura,
só pertence com fé pura
esse mysterio adorar!»

IV

E para o monge fagueira
a creancinha sorriu
e, n'uma nuvem ligeira,
á patria eterna subiu!
—Fica o monge meditando,
arrependido, chorando,
e, humilde ao Senhor orando
sómente a morte pediu!—

E logo a eterna morada
foi a sua alma transpôr,
onde por elle adorada,
a Trindade é com fervor!...
—E quem seria a creança,
que ao monge trouxe a bonança
e a fallar-lhe se balança?
Era um anjo do Senhor!

Rangel de Quadros.

A GRATIDAO

E' ponto discutivel que arvore Judas escolheu para se enforcar, sendo a opinião mais provavel a que sustenta ter sido a figueira, accrescentando-se, que tendo as arvores feito um comicio na qual a figueira levou a mal que fosse escolhida para pelourinho d'um acto tão atroz, ella que é tão agradecida, que até chora quando lhe separam do tronco um membro. Deus decretára que do futuro o paiz das figueiras seria o paiz dos homens agradecidos.

Este decreto que não encontrámos registado no livro mestre do genero humano é-nos assaz sympathico e explica certamente o facto que vamos narrar.

Em 12 de maio de 1853 foi encontrada exposta sobre uma arvore uma creancinha do sexo masculino, envolvida em farrapos dentro d'uma alcofa de esparto. O homem que encontrou a creança subia á arvore com bastante trabalho e poude de lá tirar a creancinha já então coberta de formigas. Correu para casa, mostrou a creança a sua mulher e convenceu-a a dar-lhe o leite, que de nada lhe servia, por lhe ter fallecido no dia antecedente um filhinho. Nos primeiros mezes os pobres trabalhadores foram levados á pratica d'aquelle acto de caridade apenas por um principio salutar da religião, depois eram a religião e o amor pela creança, que fôra baptisada, recebendo o nome de Frederico. O engeitado até aos 10 annos aparentava um aspecto fraco e doentio. Na phrase dos seus paes da creação o rapaz nunca havia de ser homem: mais tarde, porém, o rapaz foi crescendo, desenvolvendo-se, e aos 18 annos era dos mais valentes do sitio. Frederico costumou-se a trabalhar nas minas d'Hespanha, e d'alli mandava sempre que podia algum dinheiro para auxiliar seus paes no governo da casa.

Uns pobres trabalhadores, os paes da creação do nosso engeitado, cançados e velhos, quasi se achavam reduzidos á mezada que lhes mandava o seu Frederico. A pobre velha, dotada d'um sentimento desenvolvido, confessava que muito devia ao auxilio pecuniario do seu *filho*, mas que ainda agradecia mais as palavras bonitas em todas as cartas que d'elle recebia quasi todas as semanas. Ella chamara *bonitas* as palavras com que elle lhe significava o quanto lhe era devedor pelo leite que lhe mamava na meninice. Em um dia recebeu Frederico de seus paes uma carta que muito o affligiu. Informavam-no de que o pobre velho se achava preso por estar envolvido n'um crime de roubo por arrombamento d'uma cavalgadura, que fôra tirada da cavallariça fechada á chave. O velho negava o crime e jurava por todos os santos da côrte celeste a sua completa innocencia.

Frederico leu a carta, apurou os dinheiros ganhos e depositados na mão do contra-mestre e pediu licença d'um mez para vir ao Algarve. Em casa da pobre velha, sua mãe da creação, o rapaz viu que o negocio era sério, pois que a cavalgadura fôra encontrada em poder de seu pae na estrada de Salir para Almodovar, o pouco provavel a explicação que elle dava de ter recebido a cavalgadura da mão d'um sujeito desconhecido. Frederico dirigiu-se á cadeia, e alli pediu ao pobre velho os signaes do individuo que lhe entregára a cavalgadura, mas o infeliz, completamente desorientado pelos desgostos, não acertava o que dizia, dando explicações evidentemente contradictorias.

Frederico sahia desanimadissimo, mas não perdeu de todo a esperança de salvar seu pae, cuja innocencia era para elle um facto, embora a não podésse provar.

Sahiu para o Alemtejo e gastou boas quantias atraz das pistas, quasi sempre erradas, e outras improvaveis. Ainda assim o rapaz não esmoreceu. Em certo dia recebeu carta de sua mãe participando-lhe achar-se marcada a proxima terça-feira para o julgamento do pobre velho. Então Frederico correu á séde da sua comarca, depois de ter encarregado um amigo de seguir uma pista, e apresentou-se no dia do julgamento.

As testemunhas, certificando o bom comportamento anterior do velho, não poderam discutir a accusação, comprovada com as testemunhas que tinham encontrado na mão do réo a cavalgadura. Accrescia contra o infeliz a desculpa vulgar de todos os ladrões, declinando para um desconhecido o roubo, e por isso a condemnação estava sendo um *veredictum* necessario.

Antes do jury recolher á sala, Frederico dirigiu-se ao tribunal e pediu que lhe déssem a permissão d'esclarecer o julgamento.

— Póde explicar, respondeu o juiz.

— Fui eu que roubei a cavalgadura e entreguei-a a meu pae para m'a levar a Almodovar. Como esse pobre velho me creou de menino é a razão porque elle se não atreveu a denunciar-me.

Esta explicação foi dada por uma fórma tão convincente e tão firme que o delegado requereu se sustasse o julgamento, sendo recolhidos á cadeia o velho e o rapaz.

Entretanto o amigo de Frederico, no Alemtejo, não cessava de envidar esforços, e a maxima probabilidade de descobrir o ladrão começou a transluzir nas cartas. Em certo dia e apoz a leitura d'uma carta do amigo dedicado, Frederico pediu para fallar ao juiz em assumpto importante. Levado á presença do juiz, Frederico mostrou-lhe diversas cartas que o juiz leu attentamente. Leu uma carta em que a mulher do velho réo participava ao filho a prisão do pae e a sua innocencia; outras em resposta, e ambas com o carimbo do correio d'Hespanha e Portugal; mais viu cartas d'Almodovar escriptas pelo seu amigo dedicado, na ultima das quaes o informava de que tinha sido apanhado o verdadeiro ladrão, que roubara a cavalgadura achando-se preso nas cadeias d'aquella villa. O juiz então voltou-se para Frederico e disse-lhe:

— Palavra que nada entendo de tudo isto! Como é que esse individuo roubou a cavalgadura, se você confessa tel-a roubado?

— Se n'esse dia do julgamento não tivesse feito tal confissão, o meu pobre pae teria sido condemnado, e elle certamente não sobrevia a uma tal condemnação. Tinha eu a convicção da sua innocencia, e arranjei assim um pretexto de sustar o julgamento.

O juiz ficou espantado d'este acto de profunda gratidão por parte d'um individuo que apenas devia ao velho o seu tratamento de menino. Quando o verdadeiro ladrão chegou á cadeia, era já alli esperado por toda a gente que em altos brados pedia a soltura do innocente. Appareceram o juiz e delegado, e ambos depois de terem feito um rasgado elogio ao honrado procedimento de Frederico, ordenaram a soltura do velho e do filho. Ao descer as escadas da cadeia encontrou-se o velho com o ladrão da cavalgadura que subia. Então o pobre como despertando de um sonho encarou o ladrão e gritou para o filho.

— Olha Frederico é aquelle o ladrão!

Frederico riu-se e ajudou o pobre velho a descer as escadas. Cá na rua todo o povo ergueu vivas ao Frederico, e a pobre velhinha, abraçando o marido, poz-se a beijar o filho, dizendo a chorar.

— Salvou-nos, meu filho, a tua *gratidão*

A. O.

UMA LINDA CONDESSA

Em uma das occasiões em que fui a Ayamonte encontrei em casa de D. Bazilio Lopes uma creadita, bem parecida e que era conhecida pela *niña Guadalupe*. A creadita era vivissima e suas amas, irmãs do dono da casa, tinham-na em muita consideração.

Quando vi pela primeira vez a niña Guadalupe pareceu-me tel-a já encontrado ou pessoa que muito se parecia com ella, mas, n'essa occasião, não foi possivel recordar-me onde e quando se tinha dado esse encontro.

— D'onde és, niña? perguntei-lhe d'uma vez que se repetiu na memoria a idéia de a ter encontrado.

— Não sei, sou engeitada e sempre me tenho visto n'esta terra.

Não lhe fiz mais perguntas, porque a resposta da rapariguita não me deu azo para isso. Entretanto o meu espirito luctava em continuas recordações, vagas e indifinidas, ácerca das feições da creadinha, que eu não podia descobrir nem apagar. Estive em Ayamonte oito dias e nunca mais me lembrei da rapariga. Em quinta-feira da semana santa de 1878 entrava eu na egreja de S. Domingos, da cidade de Lisboa, quando saia do mesmo templo uma senhora, nobremente vestida e de braço com um extrangeiro, que a conduziu ao trem que a esperava. Nas feições da illustre dama, que muitos annos antes encontrara em Granada, vi a imagem da engeitadinha d'Ayamonte, e então conheci que era aquella dama que eu vira e com cujas feições de Guadalupe. Pareceu-me ter entre mãos as pontas d'umas linhas cujo desempesso me era facil conseguir. Segui de longe a dama. Na rua de * * * apeou-se do seu trem pelo braço do estrangeiro e entrou n'um palacio.

— Quem é aquella dama? perguntei a um negociante que morava de fronte.

— E' uma fidalga estrangeira.

— Solteira ou casada?

— Casada com aquelle cavalheiro que a leva de braço.

— Quem é o cavalheiro?

— Um dos primeiros titulares da Hespanha.

Obtida esta resposta, escrevi a D. Bazilio, perguntando lhe então as minhas desconfianças. Dois dias depois da recepção da minha carta e quando esperava a resposta de D. Bazilio, appareceu este em pessoa com uma das suas irmãs e com *Guadalupe*, já então uma bonita mulher. Alegrei-me d'encontrar em minha casa uma familia, que me dispensava tantos obsequios e a sós com D. Bazilio narrei-lhe todas as minhas desconfianças desde que vira niña Guadalupe. D. Basilio prestou-me toda a attenção, e respondeu:

— Não duvido das suas desconfianças e creio-as mais ou menos fundamentadas, porque a rapariga conserva uma bonita recordação, que lhe fôra encontrada ao pescoço: é uma pequena cruz de brilhantes, dentro da qual se acha encerrado um objecto qualquer, que não é possivel descobrir, porque ha n'elle um segredo, cuja chave desconheço.

Fiquei satisfeitissimo com esta resposta e combinámos no modo de fazer encontrarem-se Guadalupe e a dama estrangeira. N'esse mesmo dia fomos ao estabelecimento do negociante e pedimos-lhe informações mais precisas da illustre dama.

— Sei que todos os dias vae á missa a S. Domingos, e que ahi se demora duas horas.

Esta resposta agradou-nos e no domingo seguinte apresentamo-nos no templo, antes de chegar a dama hespanhola. Perguntámos ao empregado onde costumava ajoelhar a dama, e respondeu-nos que em frente da capella de S. Bonifacio. Quasi no mesmo logar ajoelharam a irmã de D. Bazilio e Guadalupe, ficando nós a pequena distancia e em logar em que podessemos ler claro nas feições da fidalga. Passados alguns minutos entrou a fidalga e foi ajoelhar ao lado de Guadalupe, sem ter reparado na rapariga. Conservou-se por algum tempo de joelhos e depois pediu ao empregado uma cadeira, onde se sentou. N'esta occasião fez a fidalga reparo em Guadalupe e não mais tirou d'ella os olhos.

Guadalupe atraiçoava-se presa pelos olhares da fidalga e tambem da sua parte não podia fartar-se ao desejo d'olhar para ella. Subiu o padre ao altar e Guadalupe, abrindo o seu livro de missa, deixou propositamente ver a cruz de brilhantes. A dama fez-se extremamente pallida e não poude mais prestar attenção ao padre, tendo os olhos sempre fixos em todos os movimentos de Guadalupe.

Terminada a missa, a dama extrangeira tocou levemente no hombro de Guadalupe e disse-lhe:

— Durante a missa vi-lhe uma cruz tão linda que desejava m'a mostrasse.

— Com muito gosto, minha senhora, respondeu Guadalupe, entregando-lhe a cruz.

A dama pegou n'ella, mirou-a em todos os sentidos, e apertou uma pequena mola imperceptivel que a abriu d'alto a baixo. Estava dentro um pequeno papel, e n'elle uma só palavra, que ella leu em voz alta e inadvertidamente—*Granada.*

A dama desmaiou. Acudiram lhe algumas pessoas, entre as quaes o fidalgo extrangeiro que chegara n'esse momento. Guadalupe tinha a illustre dama nos braços, e irresistivelmente começou a beijal-a. O extrangeiro agradeceu commovido a manifestação sincera de Guadalupe, e então foi que reparou na cruz de brilhantes que a dama conservava apertada na mão direita.

— De quem é esta cruz? perguntou o fidalgo.

— E' minha, meu senhor, respondeu Guadalupe a tremer.

A esse tempo estava já a egreja cheia de curiosos, e o fidalgo pediu ao empregado uma sala, onde a dama podesse estar á vontade. Posta a sala á disposição para lá levou a dama desmaiada, acompanhando-a Guadalupe e a irmã de D. Bazilio. Em seguida entramos nós, depois de mostrarmos as relações que nos prendiam ás duas senhoras, que tinham acompanhado a dama. Dentro da sala, a dama poz-se melhor e perguntou a Guadalupe:

— D'onde é? o seu nome?

— Sou engeitada e chamo-me Guadalupe.

— Como lhe foi á mão essa cruz?

— Encontraram-m'a ao pescoço.

— Sim, sim, és a minha querida filha, que ha tanto tempo procuro. Olha a nossa filha, conde! O extrangeiro abraçou meigamente Guadalupe e beijou-a muitas vezes. Entre os esposos houve quasi um desafio de quem mais havia de beijar a filha. Effectivamente entre fidalgos tambem ha as suas fraquezas. A mãe de Guadalupe dera-a á luz ainda solteira. Depois de casados não mais tiveram filhos e empregavam todos os meios de encontrar a filha dos seus amores. Guadalupe é hoje uma *linda condessa.*

A. O.

---

(1) O Congresso na sua abertura, enviou um telegramma a Sua Magestade El-Rei, e outro a Sua Magestade a Rainha, e confessou n'este o reconhecimento de que era devedor a Sua Magestade pelo auxilio e protecção que tinha dado ás festas do centenario.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Retirou já para Extremoz o sr. general Gordilho de Miranda, digno commandante da 2.ª brigada de cavallaria, com séde n'aquella localidade.

— Entrou já em franca convalescença, o illustrado medico d'esta cidade, sr. dr. Manuel de Mello, que ha tempos recolhera ao leito gravemente doente. Estimamos.

— Estão tambem já felizmente melhores, os srs. viscondes d'Alemquer.

— Partiu já para o Porto o sr. Luiz Couceiro da Costa, que aqui dirigiu com zelo a delegação da alfandega.

— Partem hoje para a capital, onde vão aos concursos para delegado e conservador. os nossos amigos, srs. dr. Sanches da Gama e Francisco Couceiro.

— Acha-se já em convalescença o nosso presado e distincto collega, o sr. Marques Gomes com o que muito folgamos.

Hospede illustre.—Veio a Aveiro, de visita a seu afilhado e digno administrador d'este concelho, sr. dr. Sanches da Gama, o sr. commendador Montenegro, um prestante cidadão portuguez, que lá fóra, na America, onde adquiriu uma boa fortuna, prestou os mais relevantes serviços á civilisação, e aqui, no seu paiz, tem patrocinado todas as obras de verdadeira piedade, exercendo com nobilissimo desinteresse e na mais larga escala, a sublime missão da caridade.

Acto.—O nosso bom amigo sr. Paulo Ferreira d'Almeida, fez ante-hontem um bom acto na Universidade, do 5.º anno juridico, ficando plenamente approvado. Ao novo bacharel os nossos parabens.

Exames.—Na Escola Polytechnica do Porto, fez ha dias exame de botanica, alcançando 13 valores de classificação, o intelligente alumno da mesma escola, sr. Manuel Maria de Moura, filho mais velho do sr. dr. Alvaro de Moura, a quem felicitamos.

— Teem continuado os exames de instrucção secundaria no lyceu d'esta cidade, sendo mais as approvações, que os adiamentos.

Audiencia geral.—Contra o que nos dictava a razão e a fé nos homens e nas coisas, dissémos no n.º anterior que, respondendo pelo crime de que era accusado o escripturario de fazenda, sr. Manuel de Souza Lopes, no tribunal judicial d'esta comarca, não haveria júry que o condemnasse. Quiz-nos parecer, pela justiça que assistia á victima d'uma perseguição odiosa, que o reu sahiria livre, lavado pelo tribunal da justiça como o está pelo da opinião publica, e podia assim rehaver o seu logar, que os zelos pharisaicos do ministro da fazenda tanta pressa se deram em tirar-lhe. Não se aguardou para isso o resultado final, a resolução da justiça. Inutilisou-se logo a carreira de um chefe de familia, tirou-se lhe sem piedade o pão com que a mantinha incolume aos rigores da fome e da miseria, e, como se a pena não fosse já de si bem grande, bem dolorosa, levou-se aos tribunaes o desgraçado!

Não nos queixamos de ninguem. Respeitamos a opinião de todos, como pretendemos que nos respeitem a nossa. Mas que, sem offensa para a justiça, o jury podia salvar de mais uma affronta o infeliz, é para nós de fé, é a crença de toda a gente. Tanto lhe faz, ao pobre condemnado, a expiação de 30 dias de multa, como o de uma hora de prisão. Foi condemnado. Tanto basta para inutilisal-o, pelo menos por agora, como funccionario. E' mais uma victima atirada sem piedade aos degraus da forca? E' mais um homem que a chamada sociedade perdeu?

Felizmente a caridade não se extinguiu ainda dos corações generosos, e o desventurado não morrerá á necessidade. Tempo virá de melhor feição para os que precisam. E aquelle, com a vantagem, sobre outros, da sua posição e da má sorte que o persegue, ha-de rehaver ainda o que perdeu, creiam-n'o todos.

Festa do Corpo de Deus.—Faz-se ámanhã a festtividade do Corpo de Deus da freguezia da Nossa Senhora Gloria, cujo templo apresenta uma decoração elegantissima. Ha missa solemne a grande instrumental pela phylarmonica *Aveirense*, sermão de manhã e de tarde, e a respectiva procissão, que percorrerá as principaes ruas da freguezia.

Primeira communhão.—Na terça-feira da proxima semana, e no formosissimo templo de Jesus, pelas 8 horas da manhã, haverá a tocante ceremonia da primeira communhão ás alumnas do collegio de Santa Joanna Princeza, fazendo a costumada pratica o distinctissimo e sabio, sr. dr. Thiago Seni-Valdi, já muito conhecido e apreciado n'esta cidade.

Bazar.—Na Vista-Alegre vae realisar-se um bazar em beneficio da Associação Phylantropica da fabrica d'alli. Abre ámanhã, e continuará nos domingos seguintes, tocando a phylarmonica da mesma fabrica.

Reclamações.—Está em reclamação, na repartição de fazenda d'este concelho, até 15 do corrente, o mappa da contribuição industrial relativa ao corrente anno.

Consta-nos que ha alli algumas violencias. Comnosco, pelo menos, succede isso. Aviso aos interessados. As violencias reprimem-se, porque a paciencia chega a esgotar-se.

Inspecções.—Na secretaria do quartel do districto de reserva n.º 9, com séde n'esta cidade, teem continuado com muita concorrencia as inspecções dos mancebos, recenseados por varios concelhos do districto para o serviço militar do corrente anno. Preside o sr. tenente-coronel Mimoso, inspeccionando os considerados facultativos, srs. drs. Luiz Regalla e Abilio d'Albuquerque.

As inspecções dos mancebos d'este concelho, só começarão talvez em agosto proximo.

Eleição.—Procedeu-se na terça-feira ultima á eleição da meza da Santa Casa d'esta cidade, que ficou composta dos srs. visconde da Silva Mello, provedor; João Thomaz da Rocha, escrivão; João da Naia e Silva, thesoureiro; padre Bruno Telles dos Santos, João Pereira Pinheiro, José ds Nascimento Corrêa, Manuel da Rocha Salgueiro, Francisco Rocha, José G. Moreira, José Mourão, Antonio Pereira e Joaquim Fontes, vogaes.

Destacamento.—A requisição do administrador do concelho d'Estarreja, partiu para alli ha dias uma força de 24 praças de cavallaria, commandadas pelo sr. tenente Figueiredo.

Alfandega d'Aveiro.—Assumiu já as funcções de director da alfandega d'esta cidade, o sr. Manuel Pedro Nunes da Silva, habil empregado fiscal.

Novo horario.—No dia 15 do corrente, começa a vigorar o novo horario de verão do caminho de ferro do norte, com sensiveis modificações, que são as seguintes:

Comboios ascedentes: — Comboyo misto n.º 1, — partida de Aveiro 6,29 da tarde, chegada ao Porto, ás 9,10 da noite.

Comboyo correio n.º 3, — partida d'Aveiro ás 5,15 da manhã, chegada ao Porto ás 7,10.

Comboyo misto n.º 5, — parte de Aveiro ás 8,29 da manhã, e chega ao Porto, ás 10,40.

Comboyo mixto (curto) n.º 15, — parte de Aveiro ás 4 horas e chega ao Porto ás 6,25 da manhã.

Comboyo mixto (curto) n.º 19, — parte de Aveiro ás 11 da manhã e chega ao Porto ás 3,15 da tarde.

Comboios descendentes: — Comboyo mixto n.º 2, — partida do Porto ás 6,45, chegada a Aveiro ás 9,5 da manhã.

Comboyo correio n.º 4, — parte do Porto ás 8,55 da tarde e chega a Aveiro ás 9,50.

Comboyo mixto n.º 6, — parte do Porto ás 2,45 da tarde, chega a Aveiro ás 4,40.

Comboyo mixto n.º 16, — parte do Porto ás 4,15 e chega a Aveiro ás 6,50 da tarde.

Comboyo mixto n.º 18, — parte do Porto ás 5 e chega a Aveiro ás 9,45 da manhã.

A draga.—Foi ante-hontem arrematada a montagem da draga, com destino á ria d'esta cidade, sendo adjudicada ao sr. Manoel Antonio Miranda, qus montou a ponte de S. João de Loure, pela quantia de 2:485$000 réis. Oxalá que os trabalhos começem desde já, que tão necessarios se tornam elles até para a saude publica.

Roubalheira.—Foi hontem aqui preso um gatuno, já conhecido, por ter furtado alguns objectos d'uma fabrica de costumes.

Assassinato.—Ha dias appareceu morto, á beira do mar, ao norte da costa da Torreira, um pobre homem ahi dos lados da serra. Suppõe-se que depois de assassinado fosse roubado por quem lhe tirou a vida. Junto do infeliz, appareceu um pau partido em boccados, signal evidente de ter havido lucta antes da sua morte.

Feira.—Foi muito concorrido o mercado realisado na terça-feira na Fontinha.

Minas.—Na proxima quinta-feira, deve realisar-se no governo civil d'este districto o concurso para a adjudicação das seguintes minas: de cobre, no logar de Palhal, concelho de Albergaria-a-Velha; de chumbo, no logar do Carvalhal, concelho de Albergaria-a-Velha; de magnesio, nos logares de Capella de Nossa Senhora das Neves, Valle Trapesso e Chupinheira, concelho de Anadia; de carvão e ferro, no logar de Algeriz, concelho de Anadia; e de carvão, no logar de Salgueiral, concelho de Mealhada.

Tosses.—Constipações, bronchites e varios padecimentos dos orgãos respiratorios. Curam-se com os *Rebuçados Milagrosos*, de Ferreira Menides. Leia-se o annuncio na respectiva secção.

Sé de Coimbra.—Foi no dia 16 aberto o tumulo de D. Vetaça, que se acha na Sé Velha. Encontraram-se os restos mortaes da illustre dama em parte ainda mumificados. Foram photographados.

Relativamente a este tumulo e aos restos mortaes que elle encerra, transcrevemos em seguida, com a devida vénia, o que se lê na interesste «Noticia historica e descriptiva da Sé Velha de Coimbra», de Simões de Castro.

D. Vetaça foi infanta da Grecia, neta materna do imperador Theodoro Lascaro, o Minimo. A infanta tendo nascido em Genova, veiu com a sua mãe para a côrte de Aragão, e d'ahi passou a Portugal com a rainha Santa Isabel como sua dama, passando depois a aia do infante D. Affonso, de D. Constança filha d'este já rei de Portugal e de D. Leonor, filha d'esta e Fernando IV de Castella.

Mais tarde veiu residir em Coimbra, onde falleceu, sendo umas das testamenteiras de Santa Isabel. Em Portugal casou com Martim Annes de Soverosa. Fallecendo em 21 de abril de 1336, legou os seus bens ao cabido de Coimbra. O tumulo em que jazem os restos d'esta nobre senhora, tem na parte superior uma estatua de grosseiro lavor, que a repesenta com habitos religiosos, a cabeça sobre uma almofada sustentada por dois anjos, e aos pés dois rafeiros. Na face anterior do monumento, unica patente, vêem-se entre varios ornatos tres aguias em relevo, cada uma com duas cabeças. A aguia assim representada symbolisa a divisão do imperio em oriental e occidental, e era insignia dos imperadores.

Desastre.—Conta o nosso estimavel collega de *Soberania do Povo*, de Agueda, que um rapazito de 10 annos de idade, filho de Engracia Pereira, da Mourisca, trepou a um pinheiro, servindo-se para isso d'uma taboa, e quando estava já em cima, um dos pés, lhe falseou vindo abaixo, mas com tanta infelicidade que, dando com os queixos n'uma pedra, cortou a lingua pelo meio, saltando-lhe a parte cortada para o chão.

O eterno descuido.—Em Alter do Chão cahiu a um tanque onde morreu afogada, uma creança que tinha pouco mais de um anno de edade. A mãe tinha ido levar o jantar ao marido, e deixára o pequeno sósinho.

Contra o pudor.—Dizem de Salreu que Thomaz Grulha, casado, de cincoenta annos approximadamente, procurou ha dias violentar uma creança de dez annos, o que felizmente não conseguiu porque a rapariga lhe fugiu a tempo. A menor pertence á familia Torreão, que procura todos os meios possiveis para fazer pagar caro o atrevimento do malvado.

Noticias d'Oliveira d'Azemeis.—Um individuo, por alcunho o *Ribolas*, do logar do Serro, freguezia de Ul, lançou-se ante-hontem a um poço, perecendo asphyxiado. O motivo que o levou a tão desesperada resolução, foi o desgosto em que vivia pelo seu lastimoso estado de saude; pois havia mais de 10 annos que soffria a terrivel molestia da morphêa, tendo-se lhe ultimamente aggravado. O desgraçado estava vivendo da caridade publica.

— A empreza da importante fabrica de vidros do Covo, para festejar o primeiro anniversario da sua gerencia, offereceu, no domingo de tarde, a todos os seus operarios e serviçaes, em numero de 84, um abundante jantar, a que assistiram os tres socios da empreza. Esta festa, correu sempre muito animada, retirando-se uns e outros plenamente satisfeitos.

Os effeitos do calor.—Dizem de Hespanha que em Cadiz a temperatura tem sido tão elevada, que já victimou bastantes pessoas. Só em Laguna, morreram 25 ceifeiros victimas da insolução.

Despachos.—Fizeram-se os seguintes:

João Maria Moniz, official da repartição de fazenda do districto do Funchal, concedida aposentação ordinaria, que requereu, com a pensão annal 320$000 réis.

Eduardo Augusto de Macedo, fiel das ambulancias postaes, concedida aposentação extraordinaria, que requereu, com a pensão annual de 600$000 réis.

José Joaquim da Cruz, primeiro aspirante do quadro telegrapho-postal, concedida aposentação extraordinaria, que requereu, com a pensão annual de 300$000 réis.

Leopoldo Augusto Teixeira, primeiro aspirante do quadro telegrapho-postal, concedida apesentação extraordinaria, que requereu, com a pensão annual de 300$000 réis.

D. Luiz Machado de Castello Branco, amanuense da 7.ª repartição d'esta direcção geral, concedida licença por trinta dias.

Despachos d'instrucção publica.—Effectuaram-se os seguintes:

Fernando Evaristo Bizarro Ennes, promovido ao logar de amanuense, com vencimento, da bibliotheca nacional de Lisboa, em virtude da exoneração concedida a Manuel Veiga Ottolini.

Dr. Henrique Teixeira Bastos, lente substituto mais antigo da faculdade de philosophia da Universidade de Coimbra, promovido ao logar de lente cathedratico da mesma faculdade.

Thomaz Fiel Gomes Ramalho, conservador da bibliotheca publica de Evora, 60 dias de licença, por motivo de doença.

Despachos de justiça—Verificaram-se os seguintes:

Bacharel Antonio Fernando de Gambôa da Cunha Rivara, juiz municipal do julgado do Barreiro, licença de 60 dias.

Diogo de Sande Menezes Vasconcellos, contador em Reguengos de Monsaraz, licença de 30 dias.

Luiz da Gama Minguens, approvado para ajudante de conservador de Niza.

CARTA DE COIMBRA

11 DE JULHO DE 1895.

Por motivos muito especiaes e bem contrarios á nossa vontade, e que não vem para aqui referir, tivemos de interromper as nossas correspondencias durante algum tempo. Hoje, felizmente, podemos continuar com ellas, dando algumas noticias d'aqui aos nossos estimados leitores.

— Está-se tornando muito *engraçada* a discussão, quasi pessoal, que tem havido e continua entre *O Tribuno Popular* e *O Districto*, d'aqui. Ambos tosam sem dó nem piedade, mas *O Tribuno* tem melhor *azorrague* e os *golpes mais certeiros.* Vejam lá em que isso fica!...

— E' do nosso illustre collega *Defensor do Povo*, d'esta cidade, a noticia seguinte:

Derrota em toda a linha.—Até os sellos antoninos tiveram depreciação e o publico preferiu os antigos, chegando-se a vender em algumas estações maior numero d'estes. O economista de Caneças, o grande financeiro de Pico de Regalados, em virtude da grande empalmação que havia feito ao *deficit*, deu 50:000$000 réis aos da commissão das festanças, esperando encontral-os na venda dos sellos antoninos. Ora a venda accusa sómente 20:000$000 réis! Um prejuizo de trinta contos! Uma gotta d'agua sobre este oceano onde o paiz *nada* em dinheiro.

— Tem sido aqui favoravelmente commentada a resolução do senado d'esse concelho, mandando intimar os marchantes para baixarem o preço das carnes verdes, sob pena de lhes mandar fechar os talhos e abrir um por conta do municipio para abastecimento d'esse povo.

Incitada por tão magnifica resolução, a camara d'este concelho parece que tambem vae tomar algumas providencias a este respeito, e faz muito bem, porque a vacca que se gasta n'esta cidade, sendo de uma inferior qualidade, está sendo vendida a **280** réis o kilo. Esperemos o que d'aqui sahe, mas parece-nos que pouco ou nada se fará, apezar de ter sido nomeada uma commissão encarregada d'esse assumpto, composta de tres vereadores muito zelozos dos interesses d'esta cidade. Os marchantes d'aqui são *trunfos politicos* d'alto valor monetario, e as eleições não se farão esperar muito.

— No vasto pateo do convento de Santa Clara, fez na terça-feira a tradicional feira da Rainha Santa, sendo extraordinaria a concorrencia de povo. Durante o dia, a imagem da Santa Rainha esteve em exposição no convento. A' tarde foram alli passeiar muitissimas familias.

— O chefe do partido progressista d'esta cidade, o intelligente e sabio lente de prima, decano e director da Faculdade de Direito, o sr. dr. Bernardo d'Albuquerque, pediu a sua aposentação. A sua falta não será muito facilmente compensada.

— Fez acto do 1.º anno juridico o intelligente academico José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, estremecido filho do nosso estimadissimo amigo, sr. dr. Barbosa de Magalhães, um dos mais completos ornamentos que actualmente existem na advocacia portugueza. Muitos parabens ao brioso academico e a toda a sua ex.ma familia.

— Tivemos ha dias o praser de receber em nossa casa os nossos bons amigos, srs. padre Manuel José Bruno de Seabra, da Fogueira, padre Agostinho Simões de Seabra, d'Ancas, Cesar Henriques Rangel de Seabra, de Avelãs, e Antonio Seabra d'Almeida, de Mogofores.

Tambem aqui cumprimentámos o illustradissimo prior de Sangalhos (actualmente aposentado) que tem sido no concelho d'Anadia, uma das mais solidas columnas do partido progressista.

— Já mudou de todo para o seu novo estabelecimento de machinas de costura, velocipedes, quinquilherias, oculos, etc., o nosso respeitavel amigo sr. Antonio José Alves, um honrado negociante d'esta praça. O seu novo estabelecimento fica na rua do Visconde da Luz, uma das mais lindas e mais frequentadas d'esta cidade.

— Fez um lindo exame de latim, sendo plenamente approvado, o sr. Albano de Seabra Rangel, filho do nosso bom amigo Cesar Henrique de Seabra Rangel, de Avelãs de Caminho, Anadia. Muitos parabens ao joven estudante e a seu illustrado pae.

— Hoje ficamos por aqui.

Reisête.

CICLES «IMPERATOR»—Dugour & C.ª, constructores, 81, faub. St. Denis, Paris. Mesmos preços que em grosso. Bicyclettas 1895 grossos tubos esmerados occos 200 fr. Magnificos pneumaticos extra 225 fr. Catalogo gratis e artigos mechanicos.

CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

285, 287, 289, 291,293—RUA DO OURO

LISBOA

ANNUNCIOS

CASA

VENDE-SE a casa que pertenceu a João Ferreira da Encarnação, situada na rua de Santa Catharina, d'esta cidade. Quem pretender compral-a dirija-se a José Maria Coelho ou a Silverio Ferreira da Encarnação.

BOAS ALVIÇARAS

DÃO-SE as melhores alviçaras a quem tiver encontrado e queira entregar n'esta redacção, uma carteira, ha dias perdida entre as estações de Ovar a Lisboa, com dinheiro e documentos de valor, que só interessam ao seu dono.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

CARIMBOS DE BORRACHA

FAZEM-SE NITIDOS E PERFEITOS

PREÇOS MODICOS

ENCOMMENDAS para as provincias, satisfazem-se na volta do correio e para esta cidade com 5 horas de demora. Com esta brevidade, qualquer pessoa que tenha de vir ao Porto, ainda mesmo que tenha de voltar no proprio dia, pode levar comsigo qualquer carimbo que deseje. Encommendas da provincia não se executam sem prévio pagamento ou responsavel n'esta cidade. Não se mandam amostras sem que mandem 50 réis em sellos

FERREIRINHA & FILHO

130—Rua de Passos Manuel—132

Porto

ESTABELECIMENTO BALNEAR-HOSPITALAR DAS CALDAS DA RAINHA

O director do hospital real das Caldas da Rainha e seus annexos, participa que no proximo dia 15 de maio será inaugurada a época balnear-hospitalar do corrente anno, terminando esta no dia 31 de outubro. No hospital balnear serão admittidos todos os enfermos indigentes que se apresentarem com attestado de pobreza passado pelo parocho da sua naturalidade ou domicilio, vindo este acompanhado por uma certidão passada pelo escrivão de fazenda do concelho a que pertence o doente, declarando que este não paga de contribuição predial e industrial mais de mil réis annuaes, e bem assim de um attestado de medico indicando que o doente precisa fazer uso d'estas aguas sulfureas, mencionando a doença de que elle se acha atacado, sendo todos estes documentos rubricados pelo respectivo administrador do concelho. Os doentes que apresentarem estes documentos, tambem poderão fazer uso d'estas thermas, sem serem internados no hospital. No estabelecimento balnear, as aguas sulfureas que brotam dentro d'este edificio, podem ser applicadas em banhos de immersão, puras ou misturadas com agua commum ou salina natural, tendo a temperatura que se desejar; assim como tambem podem ser applicadas nas mesmas condições, em douches escocezes, oriculares, de jorro, de chuva e de agulheta com differentes terminações. Além do uso interno d'estas aguas ellas podem ser egualmente ministradas em pulverisações e inhalações, quer naturaes quer artificiaes, começando estas ultimas applicações no 1.º dia do proximo mez de junho. Contadoria do hospital das Caldas da Rainha, 1 de maio de 1895.

O director,

Rodrigo Maria Berquó.

As pessoas que querem um PURGATIVO de primeira qualidade, agradavel de tomar, que não exige regimen especial algum nem modificação alguma nos habitos e occupações, fazem uso das AFAMADAS PILULAS PURGATIVAS do Doutor DEHAUT de Pariz.

2f50 — 5f

Qualquer caixa cujo rotulo não levasse o SELLO da UNION DES FABRICANTS applicado como um sello do correio é uma FALSIFICAÇÃO contra a qual os doentes devem acautelar-se com todo cuidado.

GRANDE DEPOSITO

DE

SULPHATO DE COBRE E PULVERISADORES

J. D. Sereno & Filho, de Bustos, com deposito em Oliveira do Bairro, importaram directamente de Inglaterra e França, uma grande quantidade de barricas de sulphato de cobre de primeira qualidade, garantido, com 99 e 3/4 0/0 de sulphato puro, como do certificado de analyse; e pulverisadores—Excelcior—de Gobet—o que ha de melhor, mais seguro e mais perfeito, que vendem ao junto e para revender, a preços sem competencia.

Recebem encommendas directamente, que satisfazem de prompto para todo o paiz.

CENTRO COMMERCIAL VELOCIPEDICO

R. MARTINS DE CARVALHO

43—RUA DA SOPHIA—45

Coimbra

O maior e mais variado sortido em Velocipedes para alugar e vender. As melhores machinas do mundo para Familia, Alfaiate, Sapateiro e Corrieiro e bem assim as celebres machinas oscilantes e para fazer meia, e estas as mais completas. As vendas d'este artigo fazem-se a prestações de 500 réis semanaes. Pianos dos melhores auctores, para alugar e vender. Carros para passeio de creanças. Objectos electricos. Oculos e lunetas. Relogios para sala e despertadores. Concertam-se machinas, velocipedes, oculos e lunetas, instrumentos musicos, etc., etc. Responsabilidade por tudo o que sahir d'esta casa. Vendas a prestações ou a prompto pagamento com vantajosos descontos.

Encarrega-se da venda de instrumentos pelo catalogo e preços da fabrica.

PULVERISADORES

CALDA BORDALEZA EM PO

SULFOSTEATITE

ENXOFRE CUPRICO

VENDE-SE tudo garantido, por preços commodos, na loja de Manuel Maria Amador em

Alquerubim

CHA' PURGATIVO

(Systema Chambard)

De todos os purgantes conhecidos é este o mais gradavel.

—=(*)=—

CAPSULAS DE GUAYACOL COMPOSTAS

Usadas com grande resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES CHRONICAS, LARYNGITES, ASTHMA, TISICA, em todos os graus, TUBERCULOSE, etc.

PHARMACIA BARRAL

126, Rua Aurea, 128

LISBOA

SABONETE INSECTICIDA DE SAMPAIO

MATTA pulgas, percevejos, moscas, mosquitos, baratas, traças e formigas. Este sabonete é inteiramente inoffensivo tanto aos homens como animaes domesticos. Tambem é o aceio de todas as casas, pois não mancha a cama ou roupa como os pós que hoje estão a vender, e alem d'isso não os matta, apenas os atordôa; o que não acontece com o sabonete, que matta instantaneamente, e dura dois mezes a um anno. Preço 100 réis; pelo correio 110 réis.

BALSAMO DE SANTO ANTONIO

Milagroso remedio que põe a andar um paralytico em 8 dias. Este balsamo tem feito importantissimas curas, pois serve para curar dôres rheumaticas, nervosas, sciaticas e dôres de cabeça, e pontadas. Preço de frasco 500 réis; pelo correio 550 réis.

CHÁ MEDICINAL DE SAMPAIO

Cura todos os padecimentos do ventre e estomago, dôres de colica, e destruição dos vermes, e facilita a digestão. Preço de pacote com 25 grammas 200 reis, e com 50 grammas 400 réis.

REBUÇADOS ANTI-FEBRIS

Para combater sezões, quartans, e terçans, e todas as febres. Preço de caixa 500 réis; pelo correio 530 réis.

Grandes descontos para revender

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao seu inventor, João do Carmo Silva Casqueiro de Sampaio, Rua dos Cavalleiros, 50 e 52—Lisboa.

LOTERIA

A commissão executiva da loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou decimos, logo que ella seja acompanhada da sua importancia e do seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 18 de dezembro de 1894.

O secretario

José Murinello.

HOTEL DOS CUCOS

JUNTO DA ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO

TORRES VEDRAS

REABRE no dia 15 de maio este bem conhecido hotel, especialmente frequentado pelas pessoas que fazem uzo das thermas dos Cucos e das aguas medicinaes da Fonte Nova.

O Gerente,

Ernesto Nobre.

UNGUENTO SANTO

preparado na

Pharmacia Barral

HERPES, EMPIGENS, DACTRO, SARNAS, E QUAESQUER OUTRAS AFFECÇÕES CUTANEAS curam-se com o uso d'este unguento.

Trinta annos de bom exito, são os attestados mais valiosos que podemos apresentar para provar a sua efficacia.

—=(*)=—

Xarope Peitoral

(CODEINA E TOLU)

Empregado com bom resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES, LARYNGITES, ASTHMA, TOSSE CONVULSA, PNEUMONIA, TISICA, etc., etc.

PHARMACIA BARRAL

126, Rua Aurea, 128

LISBOA

CASA MEMORIA

ANTONIO JOSÉ ALVES

RUA DO VISCONDE DA LUZ

COIMBRA

Unico deposito das acreditadas machinas MEMORIA para alfaiate, sapateiro e costureira.

Vendas a prestações de 500 réis semanaes e a prompto pagamento com grandes descontos.

Estas bem conhecidas machinas teem obtido o melhor acolhimento do publico em geral, pela perfeição, solidez e boa execução no trabalho.

São incontestavelmente as melhores até hoje conhecidas.

Peças soltas para todas as machinas de costura e concertos das mesmas

VELOCIPEDES

Deposito de bi-cycletas *Clement*, *Diana* e outros auctores, as quaes se vendem a prestações e a prompto pagamento com grandes descontos.

INSTRUMENTOS MUSICOS

Pianos, instrumentos para philarmonicas e orchestras, guitarras, violões, violas, bandolins, harmonius, flautas, flautins, tambores, etc., tudo mais barato do que em Lisboa e Porto.

Campanhias electricas, promptas a collocar.

Grandes sortimento de oculos, lunetas e binoculos, por preços limitados.

Accessorios para machinas, velocipedes, instrumentos, etc.

Cordas para rebeca, viola, guitarra, violão e bandolim.

Os preços da nossa casa são, em tudo, mais limitados de que em Lisboa e Porto porisso pedimos ao publico que não compre em parte alguma sem primeiro se certificar do que offerecemos.

Todos os pedidos podem ser feitos á nossa casa em Coimbra, onde serão satisfeitos immediatamente.

Completo sortimento em oculos e lunetas, a preços sem competencia, e concertam-se os mesmos.

Concertam-se machinas de costura de todos os auctores com perfeição, restituindo-se a importancia quando se justifique não fiquem boas.

TOSSES Constipações, Bronchites, Asthma, Coqueluche e outros padecimentos dos orgãos respiratorios.

Curam-se com os REBUÇADOS MILAGROSOS (saccharolides d'alcatão, compostos) do pharmaceutico Ferreira Mendes, do Porto, cuja efficacia tem sido comprovada por milhares de pessoas que tem feito uso d'elles e confirmada em attestados-medicos passados pelos seguintes ex.mos srs.:

Conselheiro J. J. Ferreira, Dr. Pereira Pimenta, Dr. Ricardo Jorge, Dr. Tito Malta, Dr. A. J. da Rocha, Dr. Ferreira da Cunha, Dr. Leal de Faria, Dr. Sousa Avides, Dr. A. F. Lizaso, Dr. Baptista Graça, de. Costa Rocha, Dr. Francisco da Silva, Dr. Julio Graça, Dr. Casimiro Coelho, Dr. A. de Barros, Dr. A. Mr J.Mattos, Dr. Rebello de Faria, Dr. J. Guedes, Dr. Henriqueira Pereira, Dr. J. d'Oliveira Gomes e Dr Dorono; sendo todos concordes em affirmar que os «Rebuçados Milagrosos» são um optimo medicamento no tratamento d'aquelles padecimentos, e muito superiores nos seus promptos effeitos a qualquer outro preparado.

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias do Reino, Ilhas e Possessões. Caixa, 200 réis, fóra do Perto, 220 réis. Acautele-se o publico das falsificações e das «sabias» amacacadas imitações.

Deposito em Aveiro: ARTHUR PAES, negociante.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—LISBOA

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), io do formado, phenico salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0 1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hypospho,sphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de trychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modele Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

SELLOS DE CORREIO!

Antigos e actuaes, de preferencia de Portugal e das Colonias, desejo compral-os e pago preços mais elevados do que qualquer outro; por exemplo—1853 D. Maria 100 réis, novo, bom exemplar, original, com gomma, pago réis 100$000!

OTTO MANGOLD-FRANCFURT AM

BETTINASTR, 35.—ALLEMANHA

GRANDES ARMAZENS DE MODAS

SOUSA BRAGA

24—PRAÇA DE CARLOS ALBERTO—30

PORTO

Acaba de receber de Paris todo o sortido de novidade para a estação de verão

Sedas de todas as qualidades para vestidos e guarnições.

Tecidos de lã e córtes para vestidos, alta phantasia.

Grande novidade em tecidos d'algodão para vestidos.

Grande novidade em tecidos lisos para vestidos.

O mais completo sortimento de confecções em renda de seda e em pannos para senhora, ultimos modelos dos principaes ateliers de Paris.

MELANGE

Tecido de lã muitissimo superior, em divesas côres, a 5$000 réis o córte de vestido com 7 metros.

Setim, novidade da estação, côres variadas e lindissimas, a 5$500 réis o córte de vestido.

(Estes tecidos são recommendaveis pela sua superioridade e pela muita novidade que offerecem).

Beije e diagonal de lã de todas as côres, a 4$000 réis o córte de vestido.

Voiles de lã estampados da mais fina qualidade, a 450 réis o metro.

Grande sortimento e grande variedade de tecidos em côres claras.

Lindissima collecção de marquesinhas, verdadeira novidade.

GRANDE FABRICA NACIONAL DE CARRUAGENS

ALMEIDA NAVARRO

RUA DA PALMA, 256

LISBOA

ESTA casa continua como sempre a construir trens de todos os systemas e com as mais modernas invenções referentes a esta industria. Tem actualmente para vender coupés, caleches, landaus, lauda netets, breachs, phaeton-tylbury, phaeton-breack, etc. Apesar de já serem conhecidas as magnificas construcções que aqui se fazem, todos os carros são garantidos para maior segurança dos ex.mos compradores.

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM PULGAS PERCEVEJOS BARATAS TRAÇAS MOSCAS FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são inefficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pós de Keating.

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.